



Convergência

522

Junho • 2019 • ANO LIV

Revista da Conferência
dos Religiosos do Brasil - CRB
ISSN 0010 - 8162



Convergência ISSN 0010-8162

Diretora: Irmã Maria Inês Vieira Ribeiro, mad
Editor: Irmão Lauro Daros, fms
Redatora: Irmã Maria Aparecida das Dores Silva, fsp – MTb 3773/DF

Conselho Editorial: Pe. Ângelo Mezzari, rcj
Irmã Helena Teresinha Rech, sst
Irmã Vera Ivanise Bombonato, fsp
Jaldemir Vitório, sj
Irmã Nivalda Milak, fdz

Projeto gráfico: Manuel Rebelato Miramontes
Diagramação: Dulciene Luzia Almeida
Revisão: Irmão Lauro Daros, fms
Impressão: Editora FTD - Sede São Paulo
Ilustração da capa: Irmã Patrícia Souza da Silva

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II
70393-900 – Brasília - DF
Tel.: (61) 3226-5540
E-mail: crb@cbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73





Sumário

Editorial

EUCARISTIA: NÃO HÁ AMOR MAIOR 5

Mensagem do papa

EUCARISTIA NA SOLENIDADE DO SSMO. CORPO E SANGUE DE CRISTO 8

MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA O 53º DIA MUNDIAL DAS COMUNICAÇÕES SOCIAIS 11

Mártires/Santos

“OFEREÇO TUDO A DEUS PELO POVO ANGOLANO”
TESTEMUNHO DE IR. MATILDE - *Ir. M^a Vilma Ravazzoli, ascj* 16

Informes

ENCONTRO INTERCONGREGACIONAL SOBRE A
PRESENÇA MISSIONÁRIA NO HAITI 19
Irmã Silvânia Aparecida Coelho e Irmã Leila Fouad Sader

Artigos

EUCARISTIA: MEMORIAL DO MISTÉRIO PASCAL
DE CRISTO - *Sinivaldo S. Tavares, OFM* 25

OS JOVENS, A FÉ E O DISCERNIMENTO VOCACIONAL:
UM CHAMADO À SANTIDADE PARA A VRC 37
Irmã Gislene Danieski, fdz

JUVENTUDE E VOCAÇÃO À VIDA CONSAGRADA:
REFLEXÕES À LUZ DO SÍNODO DOS JOVENS 53
Padre José Cristo Rey G. Paredes

POLÍTICAS PÚBLICAS E SAÚDE 69
Irmã Marisa Inêz Mosená, smi

A MISSÃO DOS RELIGIOSOS IRMÃOS EM
UMA IGREJA “EM SAÍDA” 76
Irmão Edgar G. Nicodem, fsc







EUCARISTIA: NÃO HÁ AMOR MAIOR

Recebamos do papa Francisco duas mensagens de vida: sobre *Corpus Christi* – Comunhão Eucarística e sobre o Dia Mundial das Comunicações Sociais – Comunhão entre os Povos.

Corpus Christi. Deus habita em nosso meio, deseja entrar nas nossas casas, oferecer a misericórdia libertadora, nos abençoar, nos consolar. Pela Eucaristia, Deus está em nós, e nós em Deus, e Ele é tudo o de que precisamos. “A Eucaristia é um alimento simples, como o pão, mas é o único que sacia, porque **não há amor maior**. Nela encontramos realmente Jesus, partilhamos a vida d’Ele, sentimos o seu amor. Queridos irmãos e irmãs, escolhamos este alimento de vida...”

Dia Mundial das Comunicações Sociais. Diz o Papa: “Com esta *Mensagem*, gostaria de vos convidar uma vez mais a refletir sobre o fundamento e a importância do nosso ser-em-relação e descobrir, nos vastos desafios do atual panorama comunicativo, o desejo que o homem tem de não ficar encerrado na própria solidão”. Vivemos não na solidão, mas em redes, abrimos caminho ao diálogo, ao encontro, à vida. “Esta é a rede que queremos: uma rede feita, não para capturar, mas para libertar, para preservar uma comunhão de pessoas livres. A própria Igreja é uma rede tecida pela Comunhão Eucarística”.

Na Seção Mártires/Santos, Ir. Matilde oferece seu Testemunho missionário: “**Ofereço tudo a Deus pelo povo angolano**”. Ela viveu a missão com alegria e total despojamento, vivendo bem cada momento: “Todo o tempo que vivi em Angola foram anos de muita alegria, não tanto pelo que pude fazer, mas por estar junto daquela gente, vivendo com eles na dor, na alegria, no sofrimento e na festa. Durante anos, devido à guerra, não podíamos falar, mas podíamos ser presença. Foi uma experiência forte e gratificante.”





O Informe registra o “**Encontro Intercongregacional sobre a presença missionária no Haiti**”, projeto Igreja do Brasil (CNBB/Caritas/CRB) e Arquidiocese de Porto Príncipe – Haiti. O evento se realizou em Brasília, no Centro Cultural Missionário (CCM) para refletir sobre a caminhada missionária da Comunidade Intercongregacional Nazaré, do Haiti, e Projeto Missionário Solidariedade, Igreja do Brasil e Igreja do Haiti, além de pensar e discernir encaminhamentos para a continuidade do Projeto a partir do ano de 2020.

CORPUS CHRISTI é o tema que abre a Seção Artigos. O texto do Frei Sinivaldo – “**Eucaristia: memorial do Mistério pascal de Cristo**” – aprofunda e amplia o sentido da Eucaristia. A intenção do autor, como ele mesmo esclarece, “é explicitar os meandros sutis desta conexão íntima, a saber: 1) “Corpo entregue”: dignidade do Crucificado; 2) Ressurreição do Crucificado: plenificação de seu Corpo; 3) “Espírito entregue”: dimensões e real extensão do Corpo de Cristo; 4) Eucaristia: pluralidade de dimensões na unidade do Mistério”.

Dois textos referem-se ao Sínodo dos Bispos sobre os Jovens, com o tema “*Os jovens, a fé e o discernimento Vocacional*”, realizado em outubro de 2018.

O artigo “**Os jovens, a fé e o discernimento vocacional: um chamado à santidade para a Vida Religiosa Consagrada**”, de Gislene Danielski, trata da missão que cabe à VRC no contexto eclesial, a partir da temática do Sínodo. Esclarece a autora: “Num primeiro momento, discorreremos sobre algumas realidades que atualmente atingem os Institutos religiosos, como, por exemplo, a diminuição numérica que chega de forma mais aguda em determinadas regiões do Planeta, bem como a necessidade de cuidar da formação integral daqueles que os compõem. Prosseguiremos refletindo sobre a necessidade de oferecer aos jovens o que de melhor a VRC tem: o testemunho de íntima união com Deus expresso no amor uns para com os outros”.

O outro artigo é do Pe. José Cristo Rey G. Paredes – “**Juventude e vocação à vida consagrada: Reflexões à luz do Sínodo dos Jovens**”. Assim o autor inicia o texto: “Motivado pela realização da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, realizado no Vaticano, de 3 a 28 de outubro de 2018, sobre o tema “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional”, desejo, antes de mais nada, tratar de definir quem são eles, como vivem, que potencial existe neles para terem acesso à experiência religiosa. Mais que isso, pretendo refletir





sobre um fenômeno — que leva muitos ao desânimo — o fenômeno da fraca probabilidade de que a juventude siga de forma coerente o caminho do Evangelho e, mais especificamente, o caminho da vida consagrada, assumindo-o como seu próprio caminho vocacional. Há quem fique alarmado diante da falta de interesse que não poucos jovens de nosso tempo mostram para com a religião, a Igreja – suas instituições e sua moral – e as vocações. Descreverei, em primeiro lugar, o fenômeno e, em segundo lugar, os questionamentos e perspectivas que nos desafiam em vista de um novo relacionamento da juventude com a vida consagrada”.

“**Políticas Públicas e Saúde**” é o tema desenvolvido pela Ir. Marisa Inêz Mosena, tema sempre atual e instigante, que atrai e fascina, porque se refere à vida, dom de Deus. Em referência a este tema, escreve a Irmã Marisa, “há um vasto horizonte de chamados e desafios para a Vida Religiosa Consagrada. As Políticas Públicas da Saúde são um dos espaços privilegiados do exercício do profetismo, em defesa da vida e dos direitos dos pobres e minorias. E para haver credibilidade, supõe-se autenticidade nas práticas de saúde de cada um de nós”.

Irmão Edgar reflete sobre “**A Missão dos Religiosos Irmãos em uma Igreja ‘em saída’**”. O autor considera inicialmente as transformações culturais que afetam os horizontes de sentido e que incidem na vida da Igreja, na Vida Religiosa Consagrada e na missão dos religiosos Irmãos. “Somos um grupo relativamente pequeno de religiosos não sacerdotes. Segundo o Anuário Pontifício 2018, somos 54.559 religiosos Irmãos. Considerando outros grupos na Igreja, como as religiosas (659.000) e os clérigos (466.634), o grupo dos Irmãos é realmente pequeno num universo de 1 bilhão e 299 milhões de católicos. Pode ser relevante no mundo católico e mesmo na sociedade um grupo tão pequeno em termos numéricos? Há alguns anos o próprio Vaticano mostrou a sua preocupação com este grupo de religiosos através do documento *Identidade e Missão do Religioso Irmão na Igreja*. Por isso a pergunta: qual o sentido da vocação e da missão do religioso Irmão na sociedade e particularmente em uma Igreja ‘em saída’?”

Irmão Lauro Daros, marista





EUCARISTIA NA SOLENIDADE DO SANTÍSSIMO CORPO E SANGUE DE CRISTO

PAPA FRANCISCO

FONTE: [HTTPS://W2.VATICAN.VA](https://w2.vatican.va)

Óstia, Praça diante da Igreja de Santa Mônica

No Evangelho que acabamos de ouvir, narra-se a Última Ceia, mas, surpreendentemente, a atenção fixa-se mais nos preparativos do que na própria ceia. Aparece várias vezes o verbo “preparar”. Por exemplo, os discípulos perguntam: “Onde queres que *façamos os preparativos* para comeres a Páscoa”? (*Mc* 14, 12). Jesus envia-os para fazerem os preparativos com indicações precisas e eles encontram “uma grande sala (...) mobiliada e toda pronta” (14, 15). Os discípulos vão preparar, mas o Senhor já tinha preparado.

Sucede algo parecido depois da ressurreição, quando Jesus aparece aos discípulos pela terceira vez: andam a pescar e Jesus vai ter com eles à praia; enquanto espera por eles já lhes vai preparando pão e peixe. Entretanto pede-lhes para trazerem um pouco do peixe que acabaram de apanhar sob indicação, aliás, d’Ele próprio (cf. *Jo* 21, 6.9-10). Também neste caso Jesus prepara antecipadamente, mas pede aos seus para colaborar. Noutra ocasião, pouco antes da Páscoa, Jesus dissera aos discípulos: “Vou *preparar-vos* um lugar, (...) a fim de que, onde Eu estou, vós estejais também” (*Jo* 14, 2.3). Quem prepara é Jesus; e todavia o mesmo Jesus, antes da sua Páscoa, pede-nos, com sérias advertências e parábolas, que nos preparemos, que estejamos prontos (cf. *Mt* 24, 44; *Lc* 12, 40).





Em resumo, Jesus prepara para nós, mas pede também a nós para preparar. Que prepara Jesus para nós? Prepara *um lugar* e *um alimento*. Um lugar muito mais digno do que a “grande sala mobiliada” do Evangelho. É a nossa casa espaçosa e ampla aqui na terra, a Igreja, onde há, e deve haver, lugar para todos. Mas tem-nos reservado um lugar também lá no Céu, no Paraíso, para estarmos com Ele e uns com os outros para sempre. Além do lugar, prepara-nos um alimento, um Pão que é Ele próprio. “Tomai: isto é o meu corpo” (Mc 14, 22). Estas duas dádivas – o lugar e o alimento – são aquilo de que precisamos para viver. São a alimentação e a morada definitivas; e são-nos dadas ambas na Eucaristia. Alimento e um lugar.

Nela Jesus prepara-nos *um lugar cá na terra*, porque a Eucaristia é o coração palpitante da Igreja, gera-a e regenera-a, congrega-a e dá-lhe força. Mas a Eucaristia prepara-nos também *um lugar lá em cima* na eternidade, porque é o *Pão do Céu*. Vem de lá, é a única matéria nesta terra que tem verdadeiramente sabor de eternidade. É o pão do futuro, que já agora nos faz saborear um futuro infinitamente maior do que as mais risonhas expectativas. É o pão que sacia os nossos maiores anseios e nutre os nossos mais belos sonhos. Numa palavra, é o *penhor* da vida eterna: não apenas uma promessa, mas um penhor, isto é, uma antecipação, uma antecipação concreta daquilo que nos será concedido. A Eucaristia é a marcação, a “reserva” do paraíso; é Jesus, viático do nosso caminho rumo à vida beatífica que não acabará jamais.

Na Hóstia consagrada, além do lugar, Jesus prepara-nos *o alimento*, a nutrição. Na vida, precisamos de nutrir-nos continuamente, e não apenas com alimentos, mas também com projetos e afetos, anseios e esperanças. Temos fome de ser amados; mas as congratulações mais aprazíveis, as prendas mais belas e as tecnologias mais avançadas não bastam: nunca nos saciam completamente. A Eucaristia é um alimento simples, como o pão, mas é o único que sacia, porque *não há amor maior*. Nela encontramos realmente Jesus, partilhamos a vida d’Ele, sentimos o seu amor. Nela podes experimentar que a sua morte e ressurreição são para ti. E, quando adoras Jesus na Eucaristia, recebes d’Ele o Espírito Santo e encontras paz e alegria. Queridos irmãos e irmãs, escolhamos este alimento de vida: ponhamos em primeiro lugar a Missa, voltemos a descobrir a adoração nas nossas comunidades! Peçamos a graça de nos sentirmos *esfomeados de Deus*, de nunca nos fartarmos de receber o que Ele prepara para nós.

Mas, como aos discípulos de então, também hoje Jesus nos pede para *preparar*. Perguntemos-Lhe, como os discípulos: “Senhor, onde queres que façamos os preparativos”? *Onde*: as preferências de Jesus





não recaem sobre lugares exclusivos e excludentes. Procura lugares não atingidos pelo amor, não tocados pela esperança. É a tais lugares desconfortáveis que Ele quer ir e pede-nos para Lhe fazer os preparativos. Há tantas pessoas privadas dum lugar decente para viver e do alimento para comer! Mas todos conhecemos pessoas sozinhas, atri- buladas, necessitadas: são sacrários abandonados. Nós, que recebemos de Jesus alimentação e morada, estamos aqui para preparar um lugar e o alimento para estes irmãos mais frágeis. Ele fez-Se pão repartido para nós; pede que nos doemos aos outros, que deixemos de viver para nós mesmos, mas vivamos *um para o outro*. É assim que se vive euca- risticamente: derramando sobre o mundo o amor que recebemos da carne do Senhor. A Eucaristia traduz-se, na vida, passando *do eu ao tu*.

E o Evangelho deixa entender que os discípulos prepararam a Ceia, depois de ter entrado na cidade (cf. 14, 16). O Senhor chama-nos também hoje a preparar a sua chegada, não permanecendo fora, afastados; mas entrando nas nossas cidades, inclusive nesta cidade, cujo nome – “Óstia” – sugere precisamente *a entrada, a porta*. Senhor, quais são as portas que quereis que Vos abramos aqui? Quais são os portões que nos chamais a escancarar, quais são as reclusões que devemos superar? Jesus deseja que sejam abatidos os muros da indiferença e da conivência, que sejam removidas as grades dos abusos e arrogâncias, que sejam abertos os caminhos da justiça, da equidade e da legalidade. A ampla praia desta cidade sugere a beleza de abrir-se e fazer-se ao largo na vida. Mas, para o fazer, precisamos de desamarrar os cabos que nos prendem aos pegões do medo e da opressão. A Eucaristia convida a deixar-nos levar pela onda de Jesus, não ficar arenados na praia à espera que chegue qualquer coisa, mas zarpar livres, corajosos, unidos.

Os discípulos – conclui o Evangelho –, “após o canto dos salmos, saí- ram” (14, 26). No final da missa, sairemos também nós. Caminharemos com Jesus, que percorrerá as estradas desta cidade. Deseja habitar no vosso meio. Quer visitar as situações, entrar nas casas, oferecer a sua misericórdia libertadora, abençoar, consolar. Experimentastes situações dolorosas; o Senhor quer estar perto de vós. Abramos-Lhe as portas e digamos-Lhe:

*Vinde visitar-nos, Senhor.
Acolhemo-Vos nos nossos corações, nas nossas famílias, na nossa cidade.
Obrigado porque nos preparais o alimento da vida e um
lugar no vosso Reino.
Tornai-nos preparadores ativos, portadores jubilosos de Vós que sois a vida,
para levar fraternidade, justiça e paz pelas nossas estradas. Amém.*





MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA O 53º DIA MUNDIAL DAS COMUNICAÇÕES SOCIAIS (2 DE JUNHO DE 2019)

FONTE: [HTTPS://W2.VATICAN.VA](https://w2.vatican.va)

“Somos membros uns dos outros” (Ef 4, 25): das comunidades de redes sociais à comunidade humana.

Queridos irmãos e irmãs!

Desde quando se tornou possível dispor da *internet*, a Igreja tem sempre procurado que o seu uso sirva o encontro das pessoas e a solidariedade entre todos. Com esta *Mensagem*, gostaria de vos convidar uma vez mais a refletir sobre o fundamento e a importância do nosso ser-em-relação e descobrir, nos vastos desafios do atual panorama comunicativo, o desejo que o homem tem de não ficar encerrado na própria solidão.

As metáforas da “rede” e da “comunidade”

Hoje, o ambiente dos *mass-media* é tão invasivo que já não se consegue separar do círculo da vida quotidiana. A rede é um recurso do nosso tempo: uma fonte de conhecimentos e relações outrora impensáveis. Mas, numerosos especialistas, a propósito das profundas transformações impressas pela tecnologia às lógicas da produção, circulação e fruição dos conteúdos, destacam também os riscos que ameaçam a busca e a partilha duma informação autêntica à escala global. Se é verdade que a *internet* constitui uma possibilidade extraordinária de acesso ao saber,





verdade é também que se revelou como um dos locais mais expostos à desinformação e à distorção consciente e pilotada dos fatos e relações interpessoais, a ponto de muitas vezes cair no descrédito.

É necessário reconhecer que se, por um lado, as redes sociais servem para nos conectarmos melhor, fazendo-nos encontrar e ajudar uns aos outros, por outro, prestam-se também a um uso manipulador dos dados pessoais, visando obter vantagens no plano político ou econômico, sem o devido respeito pela pessoa e seus direitos. As estatísticas relativas aos mais jovens revelam que um em cada quatro adolescentes está envolvido em episódios de cyberbullying¹.

Na complexidade deste cenário, pode ser útil voltar a refletir sobre a metáfora da *rede*, colocada inicialmente como fundamento da *internet* para ajudar a descobrir as suas potencialidades positivas. A figura da rede convida-nos a refletir sobre a multiplicidade de percursos e nós que, na falta de um centro, uma estrutura de tipo hierárquico, uma organização de tipo vertical, asseguram a sua consistência. A rede funciona graças à participação de todos os elementos.

Reconduzida à dimensão antropológica, a metáfora da rede lembra outra figura densa de significados: a *comunidade*. Uma comunidade é tanto mais forte quando mais for coesa e solidária, animada por sentimentos de confiança e empenhada em objetivos compartilháveis. Como rede solidária, a comunidade requer a escuta recíproca e o diálogo, baseado no uso responsável da linguagem.

No cenário atual, salta aos olhos de todos como a comunidade de redes sociais não seja, automaticamente, sinónimo de comunidade. No melhor dos casos, tais comunidades conseguem dar provas de coesão e solidariedade, mas frequentemente permanecem agregados apenas indivíduos que se reconhecem em torno de interesses ou argumentos caracterizados por vínculos frágeis. Além disso, na *social web*, muitas vezes a identidade funda-se na contraposição ao outro, à pessoa estranha ao grupo: define-se mais a partir daquilo que divide do que daquilo que une, dando espaço à suspeita e à explosão de todo o tipo de preconceito (étnico, sexual, religioso e outros). Esta tendência alimenta grupos que excluem a heterogeneidade, alimentam no próprio ambiente digital um individualismo desenfreado, acabando às vezes por fomentar espirais de ódio. E, assim, aquela que deveria ser uma janela aberta para o mundo, torna-se uma vitrine onde se exhibe o próprio narcisismo.

¹ Para circunscrever o fenómeno, será instituído um *Observatório internacional sobre cyberbullying*, com sede no Vaticano.





A rede é uma oportunidade para promover o encontro com os outros, mas pode também agravar o nosso auto-isolamento, como uma teia de aranha capaz de capturar. Os adolescentes é que estão mais expostos à ilusão de que a *social web* possa satisfazê-los completamente em nível relacional, até se chegar ao perigoso fenômeno dos jovens “eremitas sociais”, que correm o risco de se alhear totalmente da sociedade. Esta dinâmica dramática manifesta uma grave ruptura no tecido relacional da sociedade, uma laceração que não podemos ignorar.

Esta realidade multiforme e insidiosa coloca várias questões de caráter ético, social, jurídico, político, econômico, e interpela também a Igreja. Enquanto cabe aos governos buscar as vias de regulamentação legal para salvar a visão originária duma rede livre, aberta e segura, é responsabilidade ao alcance de todos nós promover um uso positivo.

Naturalmente não basta multiplicar as conexões, para ver crescer também a compreensão recíproca. Então, como reencontrar a verdadeira identidade comunitária na consciência da responsabilidade que temos uns para com os outros inclusive na rede *on-line*?

“Somos membros uns dos outros”

Pode-se esboçar uma resposta a partir duma terceira metáfora – *o corpo e os membros* – usada por São Paulo para falar da relação de reciprocidade entre as pessoas, fundada num organismo que as une. “Por isso, despi-vos da mentira e diga cada um a verdade ao seu próximo, pois somos membros uns dos outros” (Ef 4, 25). O fato de sermos *membros uns dos outros* é a motivação profunda a que recorre o Apóstolo para exortar a despir-se da mentira e dizer a verdade: a obrigação de preservar a verdade nasce da exigência de não negar a mútua relação de comunhão. Com efeito, a verdade revela-se na comunhão; ao contrário, a mentira é recusa egoísta de reconhecer a própria pertença ao corpo; é recusa de se dar aos outros, perdendo assim o único caminho para se reencontrar a si mesmo.

A metáfora do corpo e dos membros leva-nos a refletir sobre a nossa identidade, que se funda sobre a comunhão e a alteridade. Como cristãos, todos nos reconhecemos como membros do único corpo, cuja cabeça é Cristo. Isto ajuda-nos a não ver as pessoas como potenciais concorrentes, considerando os próprios inimigos como pessoas. Já não tenho necessidade do adversário para me autodefinir, porque o olhar de inclusão, que aprendemos de Cristo, faz-nos descobrir a alteridade de modo novo, ou seja, como parte integrante e condição da relação e da proximidade.





Uma tal capacidade de compreensão e comunicação entre as pessoas humanas tem o seu fundamento na comunhão de amor entre as Pessoas divinas. Deus não é Solidão, mas Comunhão; é Amor e, conseqüentemente, comunicação, porque o amor sempre comunica; antes, comunica-se a si mesmo para encontrar o outro. Para comunicar conosco e Se comunicar a nós, Deus adapta-Se à nossa linguagem, estabelecendo na história um verdadeiro e próprio diálogo com a humanidade (cf. Conc. Ecum. Vat. II, Const. dogm. Dei Verbum, 2).

Em virtude de termos sido criados à imagem e semelhança de Deus, que é comunhão e comunicação-de-Si, trazemos sempre no coração a nostalgia de viver em comunhão, de pertencer a uma comunidade. Como afirma São Basílio, “nada é tão específico da nossa natureza como entrar em relação uns com os outros, ter necessidade uns dos outros”².

O panorama atual convida-nos, a todos nós, a investir nas relações, a afirmar – também na rede e através da rede – o caráter interpessoal da nossa humanidade. Por maior força de razão, nós, cristãos, somos chamados a manifestar aquela comunhão que marca a nossa identidade de crentes. De fato, a própria fé é uma relação, um encontro; e nós, sob o impulso do amor de Deus, podemos comunicar, acolher e compreender o dom do outro e corresponder-lhe.

É precisamente a comunhão à imagem da Trindade que distingue a pessoa do indivíduo. Da fé num Deus que é Trindade, segue-se que, para ser eu mesmo, preciso do outro. Só sou verdadeiramente humano, verdadeiramente pessoal, se me relacionar com os outros. Com efeito, o termo pessoa conota o ser humano como “rosto”, voltado para o outro, comprometido com os outros. A nossa vida cresce em humanidade passando do caráter individual ao caráter pessoal; o caminho autêntico de humanização vai do indivíduo que sente o outro como rival para a pessoa que nele reconhece um companheiro de viagem.

Do “like” ao “amen”

A imagem do corpo e dos membros recorda-nos que o uso da *social web* é complementar do encontro em carne e osso, vivido através do corpo, do coração, dos olhos, da contemplação, da respiração do outro. Se a rede for usada como prolongamento ou expectativa de tal encontro, então não se atraiçoa a si mesma e permanece um recurso para a comunhão.

2 Grandes Regras, III, 1: PG 31, 917. Cf. Bento XVI, Mensagem para o XLIII Dia Mundial das Comunicações Sociais (2009).





Se uma família utiliza a rede para estar mais conectada, para depois se encontrar à mesa e olhar-se olhos nos olhos, então é um recurso. Se uma comunidade eclesial coordena a sua atividade através da rede, para depois celebrar juntos a Eucaristia, então é um recurso. Se a rede é uma oportunidade para me aproximar de casos e experiências de bondade ou de sofrimento distantes fisicamente de mim, para rezar juntos e, juntos, buscar o bem na descoberta daquilo que nos une, então é um recurso.

Assim, podemos passar do diagnóstico à terapia: abrir o caminho ao diálogo, ao encontro, ao sorriso, ao carinho... Esta é a rede que queremos: uma rede feita, não para capturar, mas para libertar, para preservar uma comunhão de pessoas livres. A própria Igreja é uma rede tecida pela Comunhão Eucarística, onde a união não se baseia nos gostos [“like”], mas na verdade, no “*amen*” com que cada um adere ao Corpo de Cristo, acolhendo os outros.

Vaticano, na Memória de São Francisco de Sales, 24 de janeiro de 2019.

Franciscus





“OFEREÇO TUDO A DEUS PELO POVO ANGOLANO”

TESTEMUNHO DE IR. MATILDE

IRMÃ ANA ELÍDIA¹

“Como é importante tentar viver bem o momento presente, amando em cada situação. Por isso fico tranquila e morro feliz por ter sido missionária em Angola”. Ir. Matilde

Há muitas maneiras de ser missionário/a. Santa Terezinha nunca saiu do convento e se tornou padroeira das missões ao lado de São Francisco Xavier, que evangelizou a Ásia. Uns evangelizam pelas obras, outros pela atitude e outros ainda pelo sofrimento. Ir. Matilde Eremita de Souza, Missionária Serva do Espírito Santo, nos 22 anos que viveu em Angola, conheceu de perto a guerra e o sofrimento do povo. De família mineira e fervorosa, abraçou a vocação religiosa. Estudou enfermagem e trabalhou em hospital antes de ser enviada para Angola. Lá viveu em Luanda, N’zeto e Kindege.

Especializou-se no tratamento da doença do sono, causada pela mosca tsé-tsé, e a partir de 1996 viajou por todo o país, treinando agentes de saúde e tratando os doentes. Ela conta que numa determinada área havia 48 aldeias com cerca de 25 mil habitantes, a maioria contaminada. O tratamento era muito perigoso, mas “nunca morreu um doente do sono atendido por nós, enquanto que, antes, morriam como moscas na estrada”.

¹ Extraído do Jornal Vida Missionária, Edição 55. Artigo escrito por Ir. Ana Elídia Caffer Neves, SSpS.





Estava muito feliz em sua missão quando, há quatro anos, aconteceu uma reviravolta que a obrigou a deixar Angola. Uma enfermidade desconhecida consumiu sua perna direita e provocou uma infecção generalizada.

Nem os médicos entendem como sobreviveu. Depois vieram as seqüelas agravadas pelas centenas de malárias que contraiu na missão. Os rins pararam de funcionar e ela passou a depender de hemodiálise três vezes por semana.

Entusiasmada pela vida como sempre foi, e decidida a retornar para Angola, Ir. Matilde empenhou toda sua energia na tarefa de recuperação e se inscreveu na lista de espera para um transplante. Apesar de ter feito tudo o que era possível, os resultados não foram os desejados. Da hemodiálise, Ir. Matilde passou à diálise peritoneal. Além de diabetes, o coração também começou a apresentar problemas, e a possibilidade do transplante foi se tornando cada vez mais remota, até ser totalmente descartada. Mesmo assim, Ir. Matilde não perdeu a alegria e o gosto pela vida, e partilha sua experiência e o que significa para ela ser missionária.

Alegria da missão

“Todo o tempo que vivi em Angola foram anos de muita alegria, não tanto pelo que pude fazer, mas por estar junto daquela gente, vivendo com eles na dor, na alegria, no sofrimento e na festa. Durante anos, devido à guerra, não podíamos falar, mas podíamos ser presença. Foi uma experiência forte e gratificante.”

Viver bem cada momento

“Hoje, sinto que ser missionária é aqui e agora, mesmo numa cadeira de rodas, e procuro assumir com muita fé e amor. Ofereço tudo a Deus pelo povo de Angola e pelo povo do Brasil. Não é nem falando de Deus ou fazendo pregação, mas vivendo bem cada momento e estando atenta que a gente percebe o que precisa fazer, mesmo dentro da limitação física.”

Fazer o que é possível

“Já salvei a vida de muita gente. Não tenho a mínima ideia de quantas. Para todos que chegavam, tentávamos fazer tudo o que era possível, e





por milagre divino, as pessoas se salvavam. Era todo tipo de miséria e doença, eram os feridos de guerra, os refugiados que tentavam voltar... eram trapos humanos e tentávamos fazer tudo o que podíamos. Nós nos metíamos por todo canto, apresentando relatórios e pedindo auxílio.”

Doar a vida

“Na medida em que tentei viver bem, atenta à situação dos outros e da realidade, acho que dei a vida no trabalho em Angola. No hospital em Belo Horizonte também. As pessoas me dizem que sou diferente, que mesmo do jeito que estou, transmito alegria e paz. A gente tem que dar a vida é nas coisas pequenas, porque pode ser que não cheguem as grandes.”

Maior realização

A doença da Ir. Matilde está sendo uma oportunidade de presença missionária nos hospitais e até mesmo com as pessoas que lhe prestam auxílio, como o caso do taxista que se ofereceu para transportá-la, porque se sentia bem em sua companhia. Em outras ocasiões, dois companheiros de hemodiálise só não morreram de coma diabético porque ela estava atenta e insistiu com os médicos.

Custa muito para Ir. Matilde saber que nunca mais voltará a Angola, que sem dúvida foi sua maior realização na vida. Contudo, assume com coragem sua realidade presente e diz - “quando olho esses anos de missão, fico pensando como é importante tentar viver bem o momento presente, amando aquele povo em cada situação. Por isso fico tranqüila e morro feliz por ter sido missionária em Angola”.

“Ir. Matilde celebrou este Natal na Casa do Pai, no coração da Trindade. Ela nos deixou nesta terça-feira, dia 22, deixando-nos um belo exemplo de vida e de santidade. Ir. Matilde queria muito viver, mas dizia que estava preparada para quando Deus a quisesse chamar. Lutou até o fim, submetendo-se a uma cirurgia de alto risco, pois seu coração estava muito fraco. Sobreviveu uma semana à cirurgia, mas depois de várias paradas cardíacas, não foi mais possível reanimá-la. A missa de corpo presente aconteceu na quarta-feira dia 23, no Convento Santíssima Trindade com a participação de seus familiares, das irmãs de sua comunidade e comunidades próximas e de seus amigos. Foi um momento muito significativo em que todos nos sentimos tocados. Agora sabemos que temos uma intercessora junto de Deus.”





ENCONTRO INTERCONGREGACIONAL SOBRE A PRESENÇA MISSIONÁRIA NO HAITI¹

IRMÃ SILVÂNIA APARECIDA COELHO E
IRMÃ LEILA FOUAD SADER

Nos dias 18 e 19 de novembro de 2018, no Centro Cultural Missionário (CCM), em Brasília/DF, as Irmãs Dazir da Rocha Campos e Maria Imaculada Rezende Pereira (Carmelitas da Divina Providência), Eulália Lima e Cleonice Aparecida dos Santos (Religiosas da Instrução Cristã), Maria José da Conceição (Irmãs de São Francisco da Providência de Deus), Leila Fouad Sader (Missionárias de Jesus Crucificado), Silvânia Aparecida Pereira Coelho (Servas da Santíssima Trindade), Ivoni Lourdes Fritzen (Irmãs Franciscas de Cristo Rei), Elisabeta Lengert (Fraternidade Esperança), Alzira Nascimento da Silva (Companhia de Santa Teresa), Eliana Martins Rosa (Irmãs da Providência de Gap) estiveram participando de um Encontro da CRB Nacional, sob coordenação da Irmã Maria de Fátima Kapp, Assessora Executiva da CRB Nacional, e Irmã Maria Inês V. Ribeiro, Presidente da CRB Nacional, para refletir sobre a caminhada missionária da Comunidade Intercongregacional Nazaré, do Haiti, e Projeto Missionário Solidariedade, Igreja do Brasil e Igreja do Haiti, além de pensar e discernir encaminhamentos para a continuidade do Projeto a partir do ano de 2020.

1 Projeto Missionário Igreja do Brasil (CNBB/CARITAS/CRB) e Arquidiocese de Porto Príncipe – Haiti





O encontro iniciou-se com as palavras de acolhida e boas vindas de Irmã Maria de Fátima, deixando o grupo à vontade para chegar e se sentir em comunidade. Em seguida, foi apresentada a pauta dos trabalhos da noite e do dia seguinte, realçando que o objetivo principal do encontro era fazer uma memória celebrativa da caminhada, desde o ano de 2010 até o presente momento, bem como pensar no futuro da Comunidade Intercongregacional e o Projeto Missionário Solidariedade. Irmã Ivoni dinamizou o momento orante, integrando acolhida e apresentação. Esse momento foi marcado por dança circular, abraços, contemplação da Luz Divina, presente em cada uma. Ainda num clima orante, o grupo foi convidado a fazer memória afetiva da presença das 16 Congregações, desde a fundação da Comunidade Intercongregacional, em 2010, até este ano de 2018.

Fomos motivadas a escrever em papel, em formato de pés, o nome da Congregação e da Irmã que esteve ou está na Comunidade INTER Nazaré. Foi um tempo bonito de resgatar a história, de sentir as alegrias e os desafios. Logo em seguida, foi apresentado um filme que mostra a história da Comunidade Intercongregacional Nazaré, trazendo a realidade nua e crua pós-terremoto, com seus clamores e infinitas dores: imagens, depoimentos, apelos, horizontes da missão solidária. Irmã Maria de Fátima recordou que a Irmã Márian Ambrósio, Presidente da CRB Nacional, na época da fundação da Comunidade INTER, sentiu o apelo e o levou adiante, conclamando a Vida Religiosa Consagrada do Brasil à solidariedade. O vídeo termina com a fala provocadora de Irmã Márian: “Este projeto é nosso! É seu! Abrace-o! Há várias formas de fazer isso!”

Em seguida, Irmã Maria de Fátima colocou no chão, juntamente com outros símbolos, a Bandeira do Brasil e fez o convite para que lembrássemos os clamores presentes em nossa Nação Brasileira. Após várias proclamações das realidades gritantes, rezamos a oração pelo pobre, lembrando-nos do Dia do Pobre, celebrado naquele domingo, proclamado pelo Papa Francisco.

No dia 19, após o café, iniciamos com um momento de acolhida do novo dia e da presença da Trindade entre nós, cantando e saudando a vida. Ainda bem no início, de forma calorosa, acolhemos Irmã Maria Inês, que chegou e permaneceu durante todo o Encontro. Depois de um abraço coletivo à Irmã Maria Inês, continuamos a oração com uma caminhada criativa, paradas orantes e contemplativas da realidade do Haiti. Através dos símbolos e fotos, fomos convidadas a fazer memórias dos clamores e resistências do povo, bem como das ressonâncias em nossas Congregações,





a partir da Comunidade Intercongregacional. Os textos bíblicos que motivaram esse tempo fecundo foram o do Ex 3 e Ap 21,1-5. Rezar o Deus do Êxodo, com o coração e o olhar na realidade do Haiti, preparou o nosso coração para chegarmos, ao final do encontro, com a experiência de ver e sentir acontecer um “novo céu e uma nova terra”.

Em seguida, Irmã Maria Inês fez uma retrospectiva da Missão Intercongregacional do momento presente (receberemos o material na íntegra posteriormente – material preparado com a colaboração das Irmãs da atual comunidade). Entre tantos assuntos importantes e provocadores, vale lembrar que o Projeto Missionário Solidariedade se organiza com base em três eixos norteadores: Formação e Evangelização; Geração de Renda e Economia Solidária; Saúde e Nutrição. Foi ressaltada a importância de rever a metodologia do apadrinhamento das crianças para a Educação. Em vez de ser por criança em particular, passar a apadrinhar o projeto de nutrição. Como últimos avanços, foram citadas a comercialização local de alguns produtos, como o sabão para roupas, para o banho e para coceiras; confecção de vassouras, sandálias e bolsas. Esse Projeto de Geração de Renda já se tornou autônomo.

Após o intervalo, participamos da Celebração Eucarística pelos 40 anos das Pontifícias Obras Missionárias. Foi um momento rico de experiência da comunhão eclesial e de reabastecimento de nossa fé e ardor missionário. À tarde retomamos, cantando “o Senhor vai acendendo luzes, quando vamos precisando delas”. Foi a hora de nos deixarmos iluminar por tantas luzes acendidas em nossos corações congregacionais, através da rica partilha das experiências vividas pelas Irmãs que formaram e formam a Comunidade Intercongregacional.

Impossível expressar em palavras os frutos colhidos, a beleza das flores e as ressonâncias em nossas Famílias Religiosas, mas podemos citar alguns destaques fortes: apelo vocacional; mobilização de leigos e campanhas nas escolas e instituições, para angariar fundos; forte experiência de Deus; sensibilização de muitas comunidades; envolvimento e sintonia de toda a congregação; causa abraçada por todas; comunhão intercongregacional; abertura de portas para o olhar além-fronteiras; crescimento da sensibilidade missionária; ampliação da compreensão e do comprometimento da intercongregacionalidade; gesto de louvor e gratidão pelos 150 anos da congregação das Irmãs Franciscanas de São José, que foi liberar uma Irmã para o Haiti, como gesto de misericórdia e compromisso com a missão; (Haiti é nossa Galileia! Intercongregacionalidade é experiência possível de viver a





missionariedade sem medo, criando a unidade); envolvimento das Irmãs Idosas através do cofre; fortalecimento do espírito missionário; saída da zona de conforto; união dos carismas. Todas essas partilhas e muito mais foram recolhidas em nossos corações com o refrão entoado pela Irmã Ivoni: “Por nós fez maravilhas, louvemos o Senhor!”

Num clima de soroternura, acolhemos Dom Esmeraldo Barreto Farias, Bispo Auxiliar de São Luís/MA, Presidente do COMINA e da Comissão para Ação Missionária, o Pe. Antônio Niemiec, secretário dessa Comissão e o Pe. Jaime Gusberti, diretor do CCM. Eles chegaram para participar do próximo assunto, sobre a continuidade da Comunidade Intercongregacional Nazaré, ou seja, o futuro da missão desse Projeto Missionário, no Haiti.

Após um tempo de conversa, foram brotando algumas sugestões para a continuidade, pois a CRB Nacional, que está à frente coordenando o Projeto desde a sua fundação, deixou claro que, a partir de setembro do ano de 2020, seria melhor que as Congregações assumissem o Projeto. A CRB Nacional não teria forças, pessoas e recursos financeiros para prosseguir.

Sugestões. O Projeto ser assumido por várias Congregações, sem número limitado, mas com três ou quatro Congregações à frente, coordenando/administrando; continuar a Comunidade com quatro Irmãs de diferentes Congregações, realizando rodízio de tempos em tempos; permanecer a presença da CRB Nacional como apoio; uma Congregação administrar anualmente, como ponto de referência para visitar e acompanhar; reforçar o vínculo com a CRB Nacional, para que o Projeto continue tendo a mesma credibilidade; realizar encontro anual entre as Congregações, promovido pela CRB e a Congregação referencial, envolvendo as Congregações das Irmãs na Comunidade Intercongregacional.

Congregações abertas e dispostas com condições de assumirem a continuidade do Projeto, a partir de setembro de 2020: Irmãs Carmelitas da Divina Providência se dispõem a dar continuidade com uma Irmã. Irmãs de São Francisco da Providência de Deus, liberando uma Irmã em 2021. Religiosas da Instrução Cristã, liberando uma Irmã em 2021. Irmãs Franciscanas de São José, na última reunião em fevereiro, mostraram-se interessadas, mas, como não puderam participar, sugeriu-se que a Irmã Maria de Fátima entrasse em contato com a superiora geral, Irmã Ada, para conversar a esse respeito.

No intervalo, enquanto saboreávamos um café com pão-de-queijo, nosso coração continuava tão aquecido pelas sugestões e





“pré-ocupações” com a Comunidade do Haiti, que chegamos a batizar o Projeto de Rede Missionária Intercongregacional. O nome expressa o sentido de que, quanto mais Congregações somarem, melhor será. Cada uma pode oferecer o que for possível, tanto recursos financeiros como humanos, espirituais e outros. Dom Esmeraldo, em resposta à pergunta da Irmã Maria Inês de como ficaria a presença da CNBB na continuidade do Projeto, disse que poderia assumir a preparação de pessoas, através do CCM, oferecendo vagas no curso Ad Gentes; e enviar um Bispo para visitar a Comunidade, no Haiti.

Depois de partilharem várias sugestões, as Irmãs Maria Inês e Maria de Fátima provocaram o grupo a pensar em passos concretos diante da realidade atual: necessidade de uma Irmã para 2020; apresentar na AGE o Projeto Missionário, através de um vídeo que mostre a experiência em suas várias dimensões; elaborar o Projeto Jurídico-Pastoral-Social da Rede Missionária Intercongregacional para ser apresentado na Assembleia da CRB Nacional. Para isso criou-se uma comissão com as Irmãs Dazir (Carmelitas da Divina Providência), Leila (Missionárias de Jesus Crucificado), Maria José (São Francisco da Providência de Deus) e Cleonice (Religiosas da Instrução Cristã), com a presença da CRB Nacional.

Sugestões. a) Que um Bispo da CNBB, acompanhado de uma Irmã da Comunidade Intercongregacional, oportunamente, conversasse com o Arcebispo de Porto Príncipe, na busca do diálogo e no intuito de uma maior comunhão e parceria com a Igreja do Haiti. b) Preparação de um roteiro de oração pela CRB, que será encaminhado para rezar a caminhada da Missão Intercongregacional, na conclusão dos seus primeiros 10 anos de existência. c) Criação de um painel de fotos das Irmãs que passaram pelo Haiti.

Em seguida, agendaram-se duas reuniões para o próximo ano. Dias 09 e 10 de março de 2019, em Brasília: Comissão para redigir o Projeto Jurídico-Pastoral-Social. Dia 16 de maio de 2019, em Brasília – com a Rede Missionária Intercongregacional.

No final, Irmã Maria Inês partilhou encaminhamentos importantes referentes à Comunidade atual. Será construído o Centro da Nutrição. A missão Belém vai colaborar na construção. O Centro terá estrutura para um 2º piso, no qual pode-se pensar numa pequena casa para a ocupação das Irmãs. A partir de março de 2019, o Projeto ficará com três casas alugadas, e não mais com quatro. Isso diminuirá o valor do aluguel. Foi adquirido um novo carro, e o valor da venda do carro antigo ajudará a suprir as despesas do aluguel até o final do ano de 2020.





Pe. Antônio informou sobre o aplicativo que está sendo desenvolvido para o levantamento dos/as missionários/as brasileiros em missão ad gentes. Também informou que está sendo feito o levantamento de missiólogos/as presentes no Brasil, e lembrou que, na oportunidade, a CNBB precisará da CRB para esse cadastro. Informou ainda sobre o 3º Seminário da Missão Popular, que acontecerá em 2019 ou 2020. Para quem tiver interesse de deixar seu contato, socializou-se o e-mail: missionaria@cnbb.org.br.

Por fim, Irmã Maria de Fátima convidou as participantes a fazerem uma avaliação do encontro. Em síntese, algumas considerações: encontro produtivo, leve, celebrativo; sentimento de alegria e de muita esperança; sentimento comum de que “ninguém quer deixar a missão no Haiti”; a força da intercongregacionalidade; feliz coincidência da celebração dos 40 anos das POM e poder participar da Celebração Eucarística.

Irmã Maria de Fátima convidou o grupo a acompanhar um vídeo, com o canto “Alma Missionária”, apresentando os diversos rostos que compõem a Missão Intercongregacional no Haiti. Foi um momento impactante e de Ação de Graças. Concluimos o encontro com uma ciranda de mãos dadas, rezando a oração do Pai-Nosso e Ave-Maria.

É tudo para a Glória da Trindade!!!



EUCARISTIA: MEMORIAL DO MISTÉRIO PASCAL DE CRISTO

SINIVALDO S. TAVARES, OFM¹

É propriamente em sua íntima conexão com o Mistério pascal de Cristo que nos é dado discernir o sentido da Eucaristia. Intenção nossa, aqui, é explicitar os meandros sutis desta conexão íntima, a saber: 1) “Corpo entregue”: dignidade do Crucificado; 2) Ressurreição do Crucificado: plenificação de seu Corpo; 3) “Espírito entregue”: dimensões e real extensão do Corpo de Cristo; 4) Eucaristia: pluralidade de dimensões na unidade do Mistério.

“Corpo entregue”: dignidade do Crucificado

A crucifixão de Jesus constitui o desfecho de um processo instaurado contra sua pessoa e sua pregação e, neste sentido, representa a coroação da pública e notória rejeição à contundência das palavras e à autenticidade do testemunho do mestre de Nazaré. O complô armado contra Jesus pelo Sinédrio, ademais, não tinha apenas a intenção e eliminá-lo fisicamente, mas também de desacreditá-lo diante de todo o povo,

1 Sinivaldo S. Tavares, frade franciscano, pós-doutor em Teologia Sistemática, é professor e pesquisador no Programa de pós-Graduação em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), Belo Horizonte. Entre suas recentes obras, publicadas pela Ed.Vozes: Evangelização em diálogo: novos cenários a partir do paradigma ecológico; Evangelização e Interculturalidade; Teologia da Criação: outro olhar – novas relações; Trindade e Criação. Tem publicado ainda estudos em obras coletivas e artigos em revistas teológicas especializadas.





comprometendo o conteúdo e o sentido de sua pregação. Como se comporta Jesus diante desta situação? A atitude que Jesus assume para com a própria morte é surpreendente. Ele não se rebela, nem se revolta. Nem sequer se comporta como resignado, que, impassível, marcha em direção ao patíbulo. É justamente naquele momento crucial que Ele se revela maximamente livre. Paradigmáticas, neste sentido, são as palavras que nos foram transmitidas pelo Quarto Evangelho: “Ninguém a tira de mim. Sou eu mesmo que a dou” (Jo 10,18a).

A atitude que Jesus assume diante da morte se coloca, assim, numa coerência profunda com sua vida inteira: entrega generosa e serviço desinteressado como expressões cabais de sua extrema fidelidade ao Pai. As narrações da última ceia, nas suas distintas formulações (cf. 1Cor 11,23-27; Lc 22,14-20 / Mc 14,22-25; Mt 26,26-29), constituem uma interpretação cabal do sentido positivo oferecido por Jesus à própria morte. Tais narrativas testemunham uma coerência profunda entre a morte de Jesus e sua pregação. A proposição grega *hyper*, traduzida por para, em favor de, exprime a atitude de entrega, sentido último oferecido por Jesus à própria morte. Assim, a morte de Jesus desvela de modo inequívoco a singularidade de sua vida como existência solidária. A morte de Jesus emerge, então, como o cumprimento da peculiar existência de Jesus, vivida na mais total dedicação ao Pai, no amor desinteressado aos seres humanos, seus irmãos, e à inteira realidade criada.

Ao falar da singularidade do sacerdócio de Cristo, a carta aos Hebreus testemunha: “Eis porque, ao entrar no mundo, Cristo diz: ‘Não quise sacrifícios nem oblações, mas preparaste-me um corpo. Não te agradaram holocaustos nem sacrifícios pelo pecado. Então eu disse: eis-me aqui, ó Deus, venho para fazer a tua vontade’” (Hb 10,5-7). O sacrifício de Jesus, portanto, à diferença dos sacrifícios antigos, é de caráter existencial. Jesus não se satisfaz em oferecer a Deus algo que não fosse Ele mesmo. Ao contrário, Ele fez da própria vida uma oblação agradável a Deus, um autêntico sacrifício, no sentido etimológico do termo. E Deus Pai, por sua vez, não se revela como um deus sanguinário e violento que se satisfaz com o sofrimento e a morte de suas criaturas. Ele espera de Jesus a fidelidade extrema, a despeito de tudo o que possa acontecer. Neste sentido, o Pai não quer diretamente a morte de Jesus, mas aceita de bom grado o gesto de amor e de fidelidade levado às últimas conseqüências por Jesus mediante a morte livremente assumida como expressão de solidariedade².

² Cf. M. Adinolfi, *Il sacerdozio comune dei fedeli*, Editrice Antoniana, Roma 1983; A. Vanhoye, *Prêtres anciens, prêtre nouveau selon le Nouveau Testament*, Paris 1980.





Com razão, portanto, o Quarto Evangelho narra o processo que conduziu Jesus à morte como ocasião propícia, autêntico kairós, no qual e mediante o qual Jesus leva a cumprimento a missão que tinha recebido do Pai. Assim, a “hora de Jesus” coincide com o momento no qual Jesus plenifica sua obra de glorificação do Pai mediante seu amor oblativo e sua solidariedade efetiva com cada ser humano, com a humanidade e com a inteira realidade que ele veio resgatar. Não seria também esta a dinâmica que subjaz aos Cânticos do Servo sofredor: quanto mais desfigurado, mais nitidamente emergem os traços característicos do Servo de Deus?³

Jesus, ao contrário, sorve até à última gota o fel da violência e perversidade humanas, não obstante não se encontrasse nele algum indício de cumplicidade com as mesmas. Talvez ninguém tenha conseguido expressar tão bem a singularidade da atitude de Jesus face à violência da qual foi vítima inocente quanto o poeta Rainer Maria Rilke, nestes versos de uma beleza ímpar: “conter a morte, a morte inteira, docemente, sem se tornar amargo”.

Aqui precisamente se esconde como um tesouro, a dignidade do Crucificado. Dele, com razão, podemos dizer que, ao ser atingido pelas dores e pelos sofrimentos maiores deste mundo, não se tornou minimamente cúmplice de tamanha perversidade. Nosso irmão no sofrimento, não o é na maldade. Ele, de fato, venceu o mal com o bem. E o fez por amor. Amor este que em Jesus assumiu as feições concretas de uma fidelidade extrema aos desígnios do Pai, de uma docilidade sem reservas às inspirações do Espírito Santo e, enfim, de uma solidariedade jamais vista, para além de qualquer expectativa, para com o ser humano e para com a inteira realidade que ele veio salvar. “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos” (Jo 15,13).

Ressurreição do Crucificado: plenificação de seu Corpo

A ressurreição de Jesus não deve ser interpretada como um fato acontecido depois da sua morte, numa espécie de sucessão cronológica; ela corresponde, no fundo, à outra face da morte. Melhor dizendo: a ressurreição testemunha a última e mais bela floração da vida de Jesus, que coincide paradoxalmente com o momento de sua morte. Pois, se a morte de Jesus foi descrita como a coroação de sua vida, nada mais natural do que concebê-la como o pleno desabrochar daquelas atitudes

3 Cf. C. Mesters, A missão do povo que sofre. Os Cânticos do Servo de Deus no Livro do profeta Isaías, Vozes, Petrópolis 1985.





e daqueles valores encarnados por Jesus no decorrer da própria vida e que, somente agora, no momento crucial da sua morte, manifestam sua mais genuína potencialidade. Somente quem viveu como Jesus poderia assumir para com a própria morte uma atitude semelhante à sua. E quem morre como Jesus, forcejando o desabrochar de suas intrínsecas virtualidades, não permanece enroscado nas malhas da morte, mas ressuscita para a vida verdadeira.

É por esta razão que a morte trágica não constitui, em última análise, o desfecho da vida de Jesus. O destino trágico de Jesus não se confunde com o derradeiro momento de sua vida. Ele é apenas momento penúltimo que, dada a sua peculiar natureza, plenifica a inteira vida de Jesus, como que recolhendo e conduzindo seus distintos momentos para a coroação final e definitiva: um autêntico “canto do cisne”. A morte de Jesus, na sua peculiaridade de coroação de uma vida inteira, concentra o passado de Jesus, plenificando-o numa ilimitada abertura para o futuro de Deus. Esta é a experiência que os apóstolos fizeram e narraram como “ressurreição do Crucificado”.

A ressurreição de Jesus se caracteriza, portanto, como experiência de reencontro que implica a atitude de conversão por parte dos seguidores e seguidoras de Jesus. Daí a importância do papel que a corporeidade de Jesus desempenha em todo este processo de conversão-reencontro. Os “relatos das aparições” salientam a identidade profunda entre o crucificado e o ressuscitado. Insistindo na inaudita pregação da ressurreição de um crucificado, tais textos dão a entender que os sinais da paixão de Jesus são apresentados como o critério por excelência do reconhecimento por parte dos apóstolos do Senhor Ressuscitado. Tal reconhecimento se dá, sobretudo, na experiência do encontro com o mesmo Jesus que antes tinha convivido com eles por alguns anos e que terminara sua existência com a trágica experiência de morte de cruz. É a consciência desta identidade profunda entre o crucificado e o ressuscitado que permite aos apóstolos o reconhecimento daquele que agora lhes aparece. Esta preocupação muito presente nos textos do Segundo Testamento que nos falam da ressurreição do Cristo leva-nos a refletir sobre o fato que cruz e ressurreição devem ser contempladas dentro de um mesmo horizonte e, conseqüentemente, consideradas como dimensões constitutivas de um mesmo evento histórico-salvífico.

Os testemunhos mais antigos da ressurreição do Crucificado concebem-na como uma singular intervenção do Pai no sentido de uma inequívoca tomada de posição Sua com graves conseqüências, não somente





com relação à história pessoal de Jesus, mas também com respeito à história da inteira criação, da humanidade e de cada ser humano. O fato de Deus Pai tomar posição a favor de Jesus Cristo ressuscitando-o dentre os mortos e emitindo, por assim dizer, a palavra derradeira com respeito ao seu julgamento, constitui a maior e definitiva confirmação da veracidade da existência de Jesus e da autenticidade do seu ministério público. Neste sentido, ressuscitando Jesus dos mortos, o Pai garante a verdade da mensagem e a coerência do testemunho de seu Filho. Tal consciência fez com que as primeiras comunidades cristãs pudessem compreender melhor a história de Jesus. O Crucificado, que mediante o Seu Espírito, é experimentado como o “Vivente”, foi constituído pelo Pai juiz dos vivos e dos mortos e virá, portanto, no futuro para instaurar publicamente sua realeza e poder assim exercer seu juízo.

A ressurreição constitui a plenificação de todas aquelas relações constitutivas da existência de Jesus. De fato, a ressurreição só pôde ser compreendida como tal, porque acolhida no horizonte daquele interesse suscitado anteriormente pela pessoa e pela pregação de Jesus. Fora deste contexto vital, o encontro com o Ressuscitado não teria provavelmente desencadeado aquela gama de significações acerca de Jesus e da salvação por ele oferecida. A paixão e morte de Jesus desempenharam um papel único neste processo de compreensão de sua ressurreição. Representaram sim um grande golpe infligido à pregação de Jesus e à sua pessoa. Contudo, esta grande interrogação constitui o húmus graças ao qual a semente da ressurreição pôde vingar e, portanto, desabrochar em toda a sua pujança. A singular intervenção de Deus Pai que, no vigor do Espírito Santo, ressuscita Jesus dentre os mortos veio ao encontro, de algum modo, da angústia que havia tomado de assalto a mente e o coração dos apóstolos.

A ressurreição veio, então, reanimar aquela chama que, depois dos acontecimentos que caracterizaram o final trágico de Jesus, estava prestes a se apagar. Não houvesse havido esta relação pessoal amadurecida ao longo daqueles anos de convivência que se instaurou entre Jesus e os seus, a ressurreição não teria sido compreendida como tal. Por si só, a ressurreição não oferece as bases para aquele processo de explicitação das pretensões de Jesus e do significado último da sua pregação. Até mesmo o conteúdo da profissão de fé neotestamentária, formulada à luz da Páscoa e de Pentecostes e expressa sobremaneira nos títulos atribuídos a Jesus, tem sua própria origem nas atitudes concretas por Jesus assumidas e confirmadas coerentemente com o testemunho da própria morte.





Por outro lado, a ressurreição lançou uma nova luz sobre o passado de Jesus. Descortinaram-se facetas até então ignoradas com relação à sua pessoa e missão. Neste sentido, foram as experiências da ressurreição de Cristo e da efusão do Espírito Santo a explicitarem todas as virtualidades presentes na existência histórica de Jesus. A ressurreição confere, portanto, caráter de definitividade à existência histórica de Jesus e confirma a autenticidade da missão por ele assumida. Foi ainda graças à ressurreição que os gestos e as palavras de Jesus foram extraídos de certa aura de obscuridade e ambiguidade próprias da condição humana, assumida na sua radicalidade por Jesus. Foi a ressurreição, enfim, a criar aquele horizonte de sentido no interior do qual cada gesto de Jesus assim como cada palavra sua adquirissem sua real significação.

“Espírito entregue”: dimensões e real extensão do Corpo de Cristo

A singularidade da existência histórica de Jesus, tornada possível graças à peculiar cooperação do Espírito Santo, alcançou sua expressão máxima no evento da cruz. Segundo o testemunho da Epístola aos Hebreus (cf. Hb 9,14), a ação do Espírito Santo é compreendida como momento íntimo e constitutivo da suprema oblação efetuada por Jesus sobre a cruz e, portanto, como cooperação ao cumprimento de seu sacerdócio existencial, vivido como experiência progressiva de obediência que Ele, enquanto Filho, oferece a Deus, seu Pai.

O texto da Carta aos Hebreus que fala da presença do Espírito Santo na hora da cruz denota a ideia de uma ação sacrificial que o Filho realiza por obra e inspiração do Espírito Santo. Segundo o testemunho oferecido pelo texto, foi “com um Espírito eterno” que o Cristo “ofereceu a si mesmo sem mancha a Deus” (Hb 9,14). No contexto da temática sacrificial, própria da epístola, o Espírito Santo é comparado ao fogo que consumia os sacrifícios antigos, simbolizando, assim, a aceitação por parte de Deus do sacrifício a ele oferecido⁴.

Segundo o testemunho do Quarto Evangelho (cf. Jo 19,30.34), o Espírito Santo é concebido ainda como o dom por excelência que Jesus, juntamente com o Pai, oferecem na hora da cruz, no exato momento do cumprimento da própria missão. Desta maneira, graças

⁴ Cf. A. Vanhoye, “L’azione dello Spirito Santo nella passione di Cristo secondo l’epistola agli Ebrei”, AA.VV., *Credo in Spiritum Sanctum. Atti del Congresso Teologico Internazionale di Pneumatologia* (Roma 22-26 marzo 1982), Vol. I, Città del Vaticano 1983, 759-773.





à sua peculiar cooperação ao dinamismo oblato da morte de cruz, o Espírito Santo é entregue à Igreja, ao cristão e à cristã, ao mundo e à criação inteira para realizar a missão de interiorizar a presença salvífica de Jesus Cristo no seio da comunidade, nos meandros da história e do cosmos e no coração de cada pessoa humana. A efusão do Espírito Santo por obra do Crucificado-Ressuscitado assinala, portanto, as primícias da missão, lenta e fecunda, da “in-habitação” do Espírito Santo concebida como autêntica obra de “cristificação” – no sentido de uma verdadeira “conformação a Cristo” – da pessoa humana, da comunidade cristã, da história humana e da inteira criação.

Esta conformação a Cristo, fruto primordial do Espírito Santo, não se opera como massificação ou uniformização pura e simples. Na verdade, o Espírito, ao invés de massificar, produz uma variedade enorme de dons, de ministérios, de atividades. Ele potencia ao máximo e no melhor dos modos a singularidade de cada pessoa, de cada comunidade, e a peculiaridade de cada decisão humana, de cada conexão histórica, de cada processo orgânico e natural. O Espírito desvela, portanto, todas as possíveis virtualidades de cada realidade desde a humana até a cósmica.

A corporeidade é aquele elo capaz de unir mediante um vínculo estreito a existência de cada pessoa humana à história da inteira humanidade e ainda a todo o cosmos, e isto graças ao mistério da encarnação do Filho de Deus. A expressão “corpo de Cristo” exprime os reais alcances desta inter-relação a partir daquela realidade histórica e circunstancial da “corporeidade de Jesus” que dá consistência e que, por isso mesmo, funda as demais compreensões desta expressão. Trata-se do “corpo de Cristo” concebido como expressão da vida de Jesus compreendida na totalidade de seus gestos e de suas palavras, culminados no gesto supremo da entrega do próprio corpo como verificação de sua inteira vida e da credibilidade de sua mensagem. A partir daí emergem as demais compreensões desta expressão: 1) “Corpo de Cristo” entendido como cada pessoa que se empenha por se conformar a Cristo, fazendo da própria vida uma oblação agradável a Deus; 2) “Corpo de Cristo” enquanto Seu corpo histórico, a Igreja, comunidade daquelas pessoas que vivem a partir da consciência de que a pregação e o testemunho de Jesus, que adquiriram singular credibilidade na sua paixão e ressurreição, continuam acontecendo na história das pessoas e do mundo; 3) “Corpo de Cristo” enquanto história que se quer construir, passo a passo, segundo os valores do Evangelho até a plena emergência do Reino de Deus; 4) “Corpo de Cristo”, enfim,





enquanto inteira criação na sua complexidade, obra que o Pai realiza mediante o Espírito Santo que in-abita o inteiro cosmos, obra de transformação deste mundo no único “corpo de Cristo”.

Eucaristia: pluralidade de dimensões na unidade do Mistério

As distintas dimensões da Eucaristia estabelecem entre si uma relação de reciprocidade: cada uma delas implica e, ao mesmo tempo, é implicada pelas demais. Compreender a Eucaristia, primariamente, como testamento de Jesus, significa resgatar aquela experiência originária e, portanto, fundante das demais dimensões do Mistério da Eucaristia: memorial, epiclética, ético-social e cósmica.

Expressão do testamento de Jesus, a Eucaristia revela a significação profunda da totalidade da vida de Jesus culminada de maneira ímpar no evento da sua paixão, morte e ressurreição. O passivo dos verbos exprime a atitude da entrega generosa e radical que caracterizou a vida inteira de Jesus e, mais especificamente, o sentido por ele dado à sua morte trágica. O binômio semita, corpo entregue e sangue derramado, traduz a atitude de doação e entrega plenas que caracterizaram a vida e a morte de Jesus. E, enquanto tal, este binômio exprime muito bem o sentido da vida inteira de Jesus, culminada na morte de cruz, sentido este que ele oferece agora aos seus como testamento. Trata-se da antecipação, num contexto celebrativo, do gesto de extrema obediência testemunhado por Jesus. Custe o que custar, Jesus vive a sua obediência ao Pai até às últimas conseqüências, na mais total solidariedade às criaturas. Se acertado está que a Eucaristia é, originária e fundamentalmente, o testamento de Jesus, não se pode não assumir as conseqüências da afirmação da singularidade e, portanto, da irrepetibilidade do sacrifício de Jesus Cristo. Trata-se, para todos os efeitos, de um sacrifício existencial, pois, dada a sua peculiar natureza, foi oferecido ephapax, “uma vez por todas” (Hb 7,27; 9,12; 10,10).

A motivação profunda do memorial reside no mandato de Jesus, conforme atesta a tradição paulino-lucana: “Fazei isto em memória de mim” (1Cor 11,24.25; Lc 22,19). Na perspectiva bíblica, o memorial não se resume apenas a uma rememoração de caráter subjetivo. O “fazer memória” se adapta melhor ao contexto da celebração, cujo horizonte de compreensão é propriamente o litúrgico-sacramental.





É precisamente neste contexto que um determinado evento salvífico do passado pode ser atualizado no presente da comunidade que celebra e das pessoas que dele participam de maneira simbólico-real. Neste sentido, o memorial bíblico abraça o tempo na sua totalidade, compreendendo-o na sua tríplice dimensão: passado, presente e futuro. E o faz na medida em que a memória do passado se encontra direcionada à atualização no presente, e ambas são compreendidas escatologicamente, vale dizer, abertas à plenitude futura e prometida.

A epiclese ou invocação ao Espírito Santo é, segundo W. Kasper, “a alma interna da Eucaristia”⁵. De fato, a Eucaristia se transforma em epiclese segundo uma necessidade intrínseca, vale dizer, enquanto memorial do testamento de Jesus. É o Espírito Santo, na verdade, a criar as condições para que o gesto de extremo amor de Jesus, realizado uma vez por todas, naquelas circunstâncias históricas bem concretas, possa ser recriado no seio das comunidades cristãs de cada época. Trata-se da experiência de um tornar presente aquele único e irrepetível – porque singular – gesto de extrema solidariedade e obediência de Jesus, consumado na cruz.

Daí o sentido profundo das duas invocações ao Espírito Santo como constitutivas da celebração eucarística: sobre as oferendas e sobre a assembleia reunida. Esta dupla invocação explicita a íntima e recíproca relação que existe entre Eucaristia e Igreja. Na Eucaristia, a Igreja celebra aquilo que, de fato, é chamada a ser, vale dizer, sacramento – sinal e instrumento – da salvação de Cristo. É o que se lê no parágrafo 1º da *Lumen Gentium*: pela comunhão no Corpo de Cristo, a Igreja busca ser “em Cristo, como que o sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano”.

A explicitação desta eclesialidade intrínseca à celebração eucarística em duas ulteriores invocações revela a dupla dimensão constitutiva de toda autêntica eclesialidade: a dimensão pessoal e a dimensão comunitária. Só seremos, de fato, corpo de Cristo, expressão da comunhão plena no empenho em formar em Cristo “um só corpo e um só espírito” ou ainda “um só coração e uma só alma”, se cada um de nós, a exemplo de Cristo e em comunhão com Ele, se esforçar em transformar a própria vida numa oblação agradável a Deus. Na verdade, a Igreja se verifica, isto é, fica verdadeira, no sentido de testemunhar sua credibilidade, na celebração da Eucaristia, corpo de Cristo (cf. 1Cor 10,16-17).

5 W. Kasper, “Unità e molteplicità degli aspetti dell’Eucaristia. In merito al recente dibattito su figura e senso fondamentali dell’Eucaristia”, ID., *Teologia e Chiesa*, Queriniana, Brescia 1989, 324.





Ao quisermos resgatar aquela conexão íntima entre celebração da Eucaristia e vida concreta dos membros das comunidades de fé, deparamo-nos com um problema que não pode deixar de nos afligir profundamente. Como celebrar a Eucaristia – sacramento da fé e sinal de unidade – num mundo onde 2/3 da inteira população do Planeta vivem excluídos, econômica, social e culturalmente? Como celebrar a Eucaristia – ágape fraterno – numa situação de injustiça, discriminação, violência e morte?⁶

Importa, cada vez de novo, resgatar aquela conexão íntima que deve haver entre vida e celebração. No caso específico, torna-se urgente recuperar a dimensão ética e social da Eucaristia. Que sentido há em celebrar a comunhão e a unidade, ágape fraterno, se no dia-a-dia não se verifica nem sequer o esforço em encarnar aqueles valores testemunhados por Jesus? Neste particular, convém recordar que celebração eucarística e missão se encontram estreitamente unidas. O próprio nome com o qual a tradição nomeou a celebração eucarística, Missa, aponta para esta profunda realidade. Missa vem de missão e provém mais precisamente daquelas palavras que, em latim, o celebrante dirigia à assembleia ao final da celebração: “Ite missa est”. Assim sendo, a celebração eucarística se “ve-rifica”, isto é, fica verdadeira na medida em que os fiéis assumem a missão de encarnar na própria vida os valores pelos quais Jesus viveu e morreu.

Deste modo, entre celebração eucarística e missão – testemunho de vida, empenho em encarnar os valores eucarísticos – vigora uma circularidade ininterrupta: por um lado, a celebração comunitária da Eucaristia pressupõe o empenho e, por outro, ela se verifica, na medida em que se consuma, na realização deste referido empenho. Convém aqui lembrar as contundentes palavras de João Crisóstomo: “Queres honrar o Corpo de Cristo? Não permitas que seja desprezado nos seus membros, isto é, nos pobres que não têm com que vestir, nem O honres aqui no templo com vestes de seda, enquanto lá fora O abandonas ao frio e à nudez. Aquele que disse: ‘Isto é o meu Corpo’, [...] também afirmou: ‘Vistes-Me com fome e não me destes de comer’, e ainda: ‘Na medida em que o recusastes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a Mim o recusastes’. [...] De que serviria, afinal, adornar

6 Cf. L. Boff, “Como celebrar a Eucaristia num mundo de injustiçados?”, ID., *Do lugar do pobre*, Vozes, Petrópolis 1984, 103–117; J.M. Castillo, “Donde non hay justicia non hay Eucaristia” e “La Eucaristia, problema político”, ID., *La alternativa cristiana*, Sigueme, Salamanca 1979, 302–321 e 322–346; G. Gutiérrez, “Eucaristia e fraternidade humana”, ID., *Teologia da Libertação*, Vozes, Petrópolis 1976, 216–220.





a mesa de Cristo com vasos de ouro, se Ele morre de fome na pessoa dos pobres? Primeiro dá de comer a quem tem fome, e depois ornamenta a sua mesa com o que sobra”⁷.

Se, em certo sentido, a Eucaristia é o prolongamento do mistério da encarnação do Verbo da Vida, a consideração acerca da sua intrínseca dimensão cósmica resulta não só plausível, mas particularmente relevante⁸. Pois o mistério da encarnação desvela, em última instância, a dimensão intrinsecamente crística de toda a criação. Segundo o testemunho das Escrituras sagradas, Cristo é Aquele pelo qual todas as coisas foram criadas e, ainda, Aquele mediante o qual todas as coisas retornam a Deus-Pai, único princípio e fim da criação. A relação que intercorre entre Jesus Cristo e a criação toda é, portanto, dúplice: Ele é, por um lado, o primogênito de toda criatura e, por outro, o recapitulador da inteira realidade criada. A dimensão cósmica da Eucaristia encarna a iniciativa do Cristo de assumir, purificando e elevando cada uma das criaturas e as criaturas todas como parte integrante do seu corpo. Nada escapa à força da presença de Deus que, no seu Filho Jesus Cristo, alcança e penetra a inteira realidade criada, sem anular ou sufocar a singularidade de cada criatura.

Também aqui caberia a pergunta: como celebrar a Eucaristia, num mundo caracterizado por uma atitude antropocêntrica selvagem que reduz as criaturas a meros objetos de seu arbitrário e egocêntrico bel-prazer? No mesmo ano em que foi redigida *A Missa sobre o Mundo*, o Pe. Teilhard de Chardin escreve: “Quando Cristo desce sacramentalmente em cada um de seus fiéis, não é apenas para conversar com ele [...]; quando ele diz, por meio do sacerdote: ‘Hoc est corpus meum’, essas palavras transbordam o pedaço de pão sobre o qual são pronunciadas: elas fazem nascer o Corpo místico inteiro. Para além da Hóstia transubstanciada, a operação sacerdotal estende-se ao próprio Cosmo. [...] A Matéria toda sofre, lenta e irresistivelmente, a grande Consagração”. No ano seguinte, em *Mon Univers*, ele precisava: “Para interpretar dignamente o lugar fundamental que a Eucaristia tem na economia do Mundo [...], penso que é necessário dar grande lugar, no pensamento e na oração cristã, às extensões reais e físicas da Presença eucarística [...]”⁹.

7 João Crisóstomo, Homilias sobre o Evangelho de Mateus, 50,3–4, em PG 58, 508–509.

8 Cf. o interessante estudo do Metropolita de Pérgamo, Ioannis Zizioulas: *A Criação como Eucaristia. Proposta teológica ao problema da ecologia, Mundo e Missão/ITESC*, São Paulo/Florianópolis 2001.

9 Textos citados por N.M. Wildiers na introdução a P.T. de Chardin, *Hino do Universo. A Missa sobre o Mundo. Cristo na Matéria: Três histórias o estilo de Benson. A Potência espiritual da matéria. Pensamentos escolhidos por F.Tardivel* (trad. do orig. francês), Paulus. São Paulo 1994, 15–17.





36 Conclusão

Gostaríamos de finalizar estas reflexões com um belo poema de Rubem Alves, intitulado: “O corpo”. À diferença da linguagem discursiva, a poesia encarna o paradoxo de acenar sem aprisionar, de evocar sem circunscrever, de intuir a realidade do Mistério sem a mínima pretensão de decifrá-lo. A poesia existe a partir de uma incumbência que é simplesmente a de mostrar e, por isso mesmo, ela jamais se perderá em meio a tantas inserções que, não raras vezes, nos conduzem a atalhos abortivos.

Deus nos fez corpos. Deus fez-se corpo. Encarnou-se.

Corpo: imagem de Deus.

Corpo: nosso destino, destino de Deus.

Eterna divina solidariedade com a carne humana.

Nada mais digno.

O corpo não está destinado a elevar-se a espírito.

É o Espírito que escolhe fazer-se visível, no corpo.

Corpo: realização do Espírito: suas mãos, seus olhos, suas

Palavras, seus gestos de amor...

Jesus: corpo de Deus entre nós,

Corpo que se dá aos homens,

Corpo para os corpos, como carne e sangue, pão e vinho.

E o corpo de Deus, Jesus Cristo, se expande, incha, tomando o

Universo inteiro.

O corpo é o Espírito gracioso, capaz de sorrir, capaz de ficar

Grávido, gerar, morrer de amor...

É bem aí, no corpo, que Deus e o homem se encontram¹⁰.

Questões para aprofundar a leitura e animar a discussão em grupos:

1. O que significa propriamente “memorial”? Qual a sua aplicação na compreensão do sacramento da Eucaristia?
2. Em que sentido a celebração eucarística relaciona reciprocamente “corpo entregue” com “Espírito entregue”? Aprofunde esta relação.
3. De que forma a Eucaristia recolhe e, ao mesmo tempo, potencializa a pluralidade de suas dimensões na unidade intrínseca ao Mistério celebrado?

10 R. Alves, *Creio na ressurreição do corpo*, Paulus, São Paulo 1984, 47.





OS JOVENS, A FÉ E O DISCERNIMENTO VOCACIONAL: UM CHAMADO À SANTIDADE PARA A VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA

GISLENE DANIELSKI¹

Introdução

No texto que segue escolhemos tratar da missão que cabe à Vida Religiosa Consagrada (VRC) no contexto eclesial, a partir da temática do Sínodo dos Bispos, 2018: “*Os jovens, a fé e o discernimento Vocacional*”.

Num primeiro momento, discorreremos sobre algumas realidades que atualmente atingem os Institutos religiosos, como, por exemplo, a diminuição numérica que chega de forma mais aguda em determinadas regiões do Planeta², bem como a necessidade de cuidar da formação integral daqueles que os compõem.

Prosseguiremos refletindo sobre a necessidade de oferecer aos jovens o que de melhor a VRC tem: o testemunho de íntima união com Deus expresso no amor uns para com os outros. Essa união requer um

1 Religiosa Filha do Divino Zelo, natural de Cocal do Sul/SC, filha de Manuel Umbelina e Marlene Danielski (e também de meus avós maternos), com três irmãos e uma irmã. Graduada em pedagogia e teologia; pós-graduada em gestão educacional e juventudes contemporâneas; mestrado em teologia sistemática (escatologia e juventudes); doutoranda em teologia sistemática (espiritualidade). Atuação: educação e juventudes, assessorias e retiros, centro de estudos e pesquisa do Instituto das Filhas do Divino Zelo. Endereço: Rua Gomes Porto, 164, Centro, Três Rios/RJ.

2 Cf. SÍNODO DOS BISPOS, Documento final, Os jovens, a fé e o discernimento vocacional, n. 88-89.





caminho espiritual proporcionado pelo Amor Misericordioso que vem ao encontro da criatura e lhe permite dar passos em direção à plenitude deste mesmo Amor, ou seja, fazendo da vida um dom para a humanidade. Apontamos para esse caminho de intimidade e amor como fonte de toda e qualquer realização vocacional, sendo que, na experiência de serem amados por Deus, os jovens poderão abraçar a vocação de doar-se em plenitude ao verdadeiro Amigo que caminha com eles nas estradas da vida, realizando-se na entrega amorosa conforme o exemplo do Mestre.

Para tanto, a VRC precisa colocar-se num caminho de santificação pessoal e comunitária, abandonando tudo aquilo que a distancia de Jesus Cristo, tudo aquilo que divide seu coração³, fazendo-se oferta no Altar do Coração do Senhor, para com Ele abraçar a vida de todos os jovens e ser-lhes testemunha credível do Crucificado-Ressuscitado. Endossamos nossa intuição com as palavras conclusivas do Sínodo:

Devemos ser santos, para poder convidar os jovens a sê-lo. Os jovens pediram, em voz alta, uma Igreja autêntica, luminosa, transparente e jubilosa: só uma Igreja de santos pode estar à altura de tais pedidos! Muitos jovens deixaram-na, porque nela não encontraram santidade, mas mediocridade, presunção, divisão e corrupção. [...] Os jovens têm necessidade de santos que formem outros santos, mostrando assim que “a santidade é o rosto mais belo da Igreja” (Francisco, *Gaudete et exsultate*, n. 9). Há uma linguagem que todos os homens e mulheres de todos os tempos, lugares e culturas podem compreender, porque é imediata e luminosa: é a linguagem da santidade.⁴

Os jovens nos desafiam a voltar ao primeiro amor⁵ para prosseguirmos na missão que o Senhor nos confiou a partir de nosso Batismo e de nossa vocação específica: “Sede santos como vosso Pai é Santo”⁶, “amando-nos uns aos outros, pois o amor é o vínculo da perfeição”.⁷

“Não tenho ouro e nem prata, mas o que tenho vos dou...”⁸

Tempo de ansiedade e buscas vocacionais

Nos últimos tempos, em nossa Igreja, a expressão “crise de vocações” é muito repetida. Experiências de unificação de províncias e até mesmo de Institutos vêm se tornando mais comuns⁹, bem como a necessidade de

3 Cf. *Ibid.*, n. 70.

4 *Ibid.*, n. 166.

5 Cf. Ap 2,4.

6 Mt 5,48.

7 Cl 3,14.

8 At 3,6.

9 Sobre este aspecto consultar o n. 163 do documento sinodal.





fechamento de obras e diminuição de atividades. Certamente, tais medidas são motivadas por inúmeras razões, no entanto, não podemos ignorar o fato da ausência de novas vocações em muitos Institutos e seminários.¹⁰ Adentrando a dinâmica da teologia da vocação, poderíamos nos questionar sobre a veracidade dessa dita “ausência de vocações”. Sabemos que a iniciativa do chamado vem de Deus e não do homem, por isso, sendo Deus fiel e imutável, não deixaria de chamar homens e mulheres de todos os tempos para santificar a humanidade. O mesmo Deus que chama, atrai, entusiasma e forma. Somos testemunhas desse Caminho que se realizou e realiza em nossas vidas. Porém, não aprofundaremos essa temática em nosso breve artigo. Queremos simplesmente acenar para a realidade que vem preocupando tantos Institutos, ou seja, a escassez vocacional.

Tal realidade tem mobilizado a criatividade de muitos religiosos e religiosas. Diversas iniciativas pastorais vêm sendo pensadas para “atingir” os jovens e ajudá-los a estarem atentos ao chamado que Deus lhes faz e a necessidade de resposta que tal chamamento exige. Vemos que aumenta o interesse pela promoção vocacional nos meios digitais, nos sites e aplicativos, e, persistimos, mesmo que muitos digam estar ultrapassados, com nossos *folders*, medalhas, panfletos e tantos outros meios de divulgação e propaganda vocacional. Sabemos que são meios válidos e lícitos, claro, desde que não faltem com o testemunho de pobreza e sobriedade que um/a consagrado/a tem por obrigação dar ao mundo; mas, ousamos nos questionar se não deveríamos investir nossas energias em outra direção. Aliás, o primeiro questionamento é: devemos empenhar nossas vidas no acompanhamento juvenil, na animação vocacional, apenas motivados pela escassez de vocações em nossos Institutos ou seminários? Sabemos que não é esse o chamado que Deus nos faz, preferimos recordar santa Teresa de Jesus que nos diz: “daria mil vidas para salvar uma só alma”¹¹, e, assim motivados, prosseguir em nossa missão junto aos jovens que o Senhor nos confia.

O que temos oferecido aos jovens?

Diante de realidades juvenis tão diversificadas¹², de sofrimentos tão profundos que enfrentam, seja no seio familiar¹³, na dimensão psicológica¹⁴ ou social¹⁵, de tantas incertezas e inseguranças em torno de

10 CNBB, Texto Base, IV Congresso Vocacional, n. 9.

11 SANTA TERESA, Caminho de Perfeição, 1,2.

12 Cf. SÍNODO DOS BISPOS, Documento final, Os jovens, a fé e o discernimento vocacional, n. 10.

13 Cf. Ibid., n. 32.

14 Cf. Ibid., n. 43.

15 Cf. Ibid., n. 42-44.





sua própria identidade¹⁶, e, até mesmo, frente à fragilidade na maneira como recebem e vivem a fé¹⁷, o que, de fato, a VRC pode oferecer aos jovens de maneira a favorecer que, em meio às suas realidades, possam fazer a experiência do Deus Amor que os chama à verdadeira felicidade? Percorrendo a história de grandes santos, sabemos que Deus pode chamar utilizando-se de meios simples e cotidianos, até mesmo de nossas necessidades primárias, como, por exemplo, a alimentação e o lazer. No entanto, a partir do momento em que Deus nos confia a missão de estarmos em meio aos jovens para favorecer esse “encontro de amizade”¹⁸ com Ele, não podemos relativizar nossa responsabilidade de atender ao pedido que o Senhor nos faz através deles, isto é, sermos santos para podermos convidar os jovens também a sê-lo¹⁹, testemunhando essa santidade na vivência concreta do amor no seio de nossas comunidades e na missão assumida.

Muitos dos nossos jovens já não crescem em famílias que possam lhes favorecer o encontro com Jesus Cristo. A herança da fé, que nos é transmitida de tantas maneiras, está fragilizada também no seio familiar. Então, precisamos nos perguntar sobre a qualidade da animação vocacional²⁰ que fazemos entre os jovens. Somos capazes de testemunhar a eles nossa alegria por termos respondido ao chamado de Deus para a consagração radical de nossa vida? Estamos imbuídos de profunda gratidão pelo Amor recebido de Deus desde antes de nosso nascimento, expresso na vida que nos deu, na redenção e salvação em Jesus Cristo, na graça de sermos chamados à consagração religiosa e em cada realidade de perdão e misericórdia que nos concede, ao ponto de amarmos e testemunharmos o amor que Lhe temos no cotidiano?

São perguntas simples que podem ser enriquecidas por tantas outras, mas que querem remeter à nossa realidade interior, à qualidade de nossa intimidade com Deus expressas no amor recíproco e no perdão dentro de nossas casas religiosas, à audácia de estar diante d’Ele na verdade mais profunda de nosso ser, à coragem de deixa-Lo olhar-nos e olhá-Lo, sem reservas, sem mentiras, alegrando-nos com toda a beleza de nossa alma e chorando todas as marcas de pecado que, por nossas escolhas,

16 Cf. Ibid., n. 32-44.

17 Cf. Ibid., n. 48-49.

18 Sobre este tema aconselhamos a leitura: GARCÍA, M. H. La oración historia de amistad. Triana; Madrid: Editorial de Espiritualidad, 1981.

19 Cf. SÍNODO DOS BISPOS, Documento final, Os jovens, a fé e o discernimento vocacional, n. 166.

20 O Sínodo, no n. 89 de seu documento final, nos alerta para a necessidade de um cuidado mais acurado com a Pastoral Vocacional: “A preocupação de muitas Igrejas pela sua diminuição numérica torna necessária uma renovada reflexão sobre a vocação ao ministério ordenado e sobre uma pastoral vocacional capaz de fazer sentir o fascínio da pessoa de Jesus e da sua chamada a ser pastor do seu rebanho”.





lá estão. Não poderemos ajudar os jovens em seus caminhos de fé e discernimento vocacional sem uma autêntica experiência de fé em Jesus Cristo morto e ressuscitado²¹, se em primeira mão não estivermos fazendo nós, consagrados e consagradas, o caminho de encontro com Cristo, para que seja Ele a transformar toda a nossa existência e fazer-nos testemunhas credíveis em meio a nossos irmãos e irmãs. Nossos jovens necessitam de guias espirituais não apenas preparados intelectualmente, mas também com profunda experiência de fé e humanidade²², capacitados por Deus a amarem como Cristo amou.

O que de melhor podemos lhes oferecer?

Crer que somente nossas belas propagandas vocacionais e encontros de jovens que promovemos ou dos quais participamos sejam suficientes para testemunhar a beleza de nossa consagração parece-nos um pouco ilusório, e não é apenas isso que Deus espera de seus consagrados e consagradas. Ele “nos quer santos e espera que não nos resignemos com uma vida medíocre, superficial e indecisa”.²³ É possível que, frente a certas iniciativas práticas, alguns resultados imediatos nos tragam a satisfação das metas alcançadas, porém, não cremos que possamos parar por aí, correndo o risco de atrair para nós mesmos e não para Cristo e para seu Reino. Atitudes medíocres nos trarão vocações medíocres²⁴, pois uma casa construída sobre a areia em algum momento desmorona.²⁵ O que de melhor temos a oferecer aos jovens que se encontram no agitado mar dos tempos atuais é o testemunho veraz de nossa amizade com Deus, é o testemunho alegre da escolha feita, da entrega “sacramentada” no altar do Coração do Senhor, é o testemunho de um coração indiviso que ama o Amigo que o amou primeiro e que está convencido de que precisa amar os amigos desse amado Amigo. Aqui podemos evocar Maria Madalena, um dos ícones do Sínodo:

Habitada por um profundo desejo do Senhor, desafiando a escuridão da noite, Maria Madalena corre ao encontro de Pedro e do outro discípulo; o seu movimento desencadeia o deles, a sua dedicação feminina antecipa a vereda dos apóstolos, abrindo-lhes o caminho. Na madrugada daquele dia, o primeiro da semana, chega a surpresa do encontro: Maria procurou porque amava, mas encontra porque é amada. O Ressuscitado dá-Se a conhecer, chamando-a pelo nome, e pede-lhe que não O detenha,

21 Cf. *Ibid.*, n. 62.

22 Cf. *Ibid.*, n. 97.

23 PAPA FRANCISCO, *Gaudete et exsultate*, n. 1.

24 Cf. CENCINI, A., *Nuove realtà in materia vocazionale*, p. 5.

25 Cf. Mt 7,21-27.





porque o seu Corpo ressuscitado não é um tesouro a reter, mas um Mistério a partilhar. Deste modo, torna-se a primeira discípula missionária, a apóstola dos apóstolos. Curada das suas feridas (cf. Lc 8, 2) e testemunha da ressurreição, é a imagem da Igreja jovem que sonhamos.²⁶

Então, estar com os jovens não será simplesmente o caminho para trazer a sobrevivência aos nossos Institutos e seminários. Será um ato de amor a Deus, que espera ansiosamente pelos filhos e filhas que Ele ama com amor eterno.²⁷ Anunciaremos com nossas palavras e atos que somos felizes porque encontramos o “tesouro escondido”²⁸, a “pérola preciosa”²⁹, enfim, a razão de nossa vida e o desejo de eternidade. Ainda que encontre inimizades e resistências, cremos que a linguagem do amor que nasce da intimidade com o Senhor fala à humanidade de todos os tempos, fala aos corações, pois moveu tantos por tantos séculos, fazendo crer que vale a pena “tomar a Cruz”³⁰ e seguir O Caminho³¹:

Na verdade, Jesus não só fascinou com a sua vida, mas também chamou explicitamente à fé. Encontrou homens e mulheres que reconheceram, nos seus gestos e nas suas palavras, a maneira correta de falar de Deus e de se relacionar com Ele, anuindo àquela fé que leva à salvação: “Filha, a tua fé te salvou. Vai em paz” (Lc 8, 48). Mas outros, que O encontraram, foram chamados a tornar-se seus discípulos e testemunhas. A quem quer ser seu discípulo, Ele não escondeu a exigência de carregar a própria cruz todos os dias e segui-Lo por um caminho pascal de morte e ressurreição. E a fé das testemunhas continua a viver na Igreja, sinal e instrumento de salvação para todos os povos.³²

Mesmo que não tenhamos “ouro e prata” para oferecer aos nossos jovens, que não tenhamos os melhores aparatos tecnológicos, ou até mesmo os melhores planos de saúde e demais seguranças institucionais, temos algo que ninguém pode nos tirar, que o mundo em suas inovações jamais poderá ultrapassar: temos Jesus de Nazaré, temos o Deus Uno e Trino, que escolheu habitar em nossos corações³³, temos, no transitório desse mundo, a certeza da eternidade, enfim, temos a graça de testemunhar que, em um mundo de tantas superficialidades nas relações e inseguranças, somos amados infinitamente e, por isso, podemos amar

26 Cf. SÍNODO DOS BISPOS, Documento final, Os jovens, a fé e o discernimento vocacional, n. 115.

27 Cf. Jr 31,3.

28 Cf. Mt 13,44.

29 Cf. Mt 13,45-46.

30 Cf. Lc 9,23.

31 Cf. At 22,4.

32 SÍNODO DOS BISPOS, Documento final, Os jovens, a fé e o discernimento vocacional, n. 82.

33 Cf. Jo 14,19-27.





até a entrega plena de nossas vidas. Ainda que estejamos crucificados, estamos crucificados com aqu'Ele que sabemos que nos ama. Por sua graça derramada em nossos corações escolhemos permanecer na Cruz porque o Amado de nossas almas está ali e com Ele queremos amar.³⁴ Com o Senhor, em sua Cruz e Ressurreição, seremos reconhecidos pelo amor que nos une e nos conduz a entrega total da vida.³⁵

“Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros”³⁶

Tudo isso expressamos em nossa vivência comunitária. Num mundo onde as relações se enfraquecem, somos chamados/as a testemunhar a vida trinitária, por meio do amor que nos faz dom para nossos irmãos e irmãs. Toda a ação vocacional será ineficaz se não dermos o testemunho do amor verdadeiro entre nós. Fazemos mal aos jovens quando falta entre nós o testemunho de fé, de amor, de perdão, do fazer-se dom uns para os outros. “Vejam como eles se amam”³⁷, é nossa identidade em meio ao mundo. Esse é o testemunho mais eficaz e o único agradável aos olhos de Deus: “Amai-vos uns aos outros como eu vos tenho amado”.³⁸ Qualquer ação junto aos jovens que não leve a isso, ou mesmo, qualquer ação da VRC que não revele o mandamento do Senhor, ou será estéril ou deletéria. Se nossa vida comunitária não estiver alicerçada neste mandamento, não é possível que nosso testemunho entre os jovens seja convincente, soando como atitude farisaica de quem proclama o amor com os lábios, mas não o testemunha na vida.³⁹

Estamos falando do testemunho do amor real. Amor repleto de alegrias e de cruces, amor que se constrói nos desafios do cotidiano, das pequenas coisas, dos pequenos gestos. Corremos o risco de preocuparmo-nos com as grandes missões que um dia receberemos ou mesmo que já nos tenham sido confiadas, deixando de lado a missão de amar aqueles e aquelas que Deus colocou ao nosso lado, para juntos percorrermos o caminho da eternidade, para juntos testemunharmos que somos amados por Deus e, por seu Amor, no seu Amor e com o seu Amor, podemos amar.

34 Sobre essa temática ver: PAPA FRANCESCO, *Meditazione mattutina nella capella della domus sactae Marthae*, 14 set. 2017.

35 Cf At 2,42-47.

36 Jo 13, 35.

37 TERTULIANO, *Apologética*, 39.

38 Jo 13,34-35.

39 Para adentrarmos nesse tema sugerimos as seguintes leituras: Cl 3,5-16; AGOSTINHO, *Do tratado sobre o evangelho de São João: o duplo preceito da caridade*, Tract. 17,7-9; CCL 36, 174-175.





É verdade que muitos de nossos jovens já não encontram em suas famílias o testemunho do amor e da fé que tanto necessitam, e isso é verdadeiramente triste. No entanto, ousamos dizer que é tão ou mais triste que não encontrem o testemunho da fé que se manifesta em obras de amor entre nós religiosos/as e dentro de nossas casas. Cremos que o amor que nos atraiu e nos mantém no Caminho, também os atrairá, e nossa missão passa pelo testemunho de um amor real que começa no seio de nossas comunidades.

“É preciso que Ele cresça e eu diminua”⁴⁰

Conhecer-se e amar-se para conhecer e amar

No momento em que formos vencidos por Deus, que tivermos compreendido que nossas forças não nos garantem e tão pouco são capazes de despertar em outros o desejo de amar e seguir o Mestre, deixaremos cair nossa soberba e adentraremos sempre mais o caminho de Jesus Cristo, um caminho feito de verdades⁴¹, que nos desnuda diante da Verdade suprema que é Deus. Queremos dizer que, optar por oferecer o melhor aos jovens, colaborar com seu processo de fé e discernimento, é um desafio a nós consagrados e consagradas, pois nos chama a um caminho de conversão e santificação pessoal e comunitária que testemunhe às novas gerações o quanto é possível antecipar o reino de Deus nesta vida. AVRC é sinal escatológico, aponta para o futuro, antecipando-o no cotidiano, principalmente na gratidão pelo amor recebido que impulsiona a amar no próprio Coração de Deus. Num processo dinâmico, de envolvimento pessoal com o Senhor, o/a consagrado/a entrará em seu íntimo, iluminado/a pelo próprio Cristo, e deixará que as misérias que carrega sejam gradativamente purificadas pelo próprio Senhor, que os/as quer irrepreensíveis no amor.⁴² “Quando as comunidades religiosas e as novas fundações vivem autenticamente a fraternidade, tornam-se escolas de comunhão, centros de oração e contemplação, lugares de testemunho, de diálogo intergeracional e intercultural, bem como espaços para a evangelização e a caridade”.⁴³

Propomos o caminho do conhecimento de si, pelo viés da oração, como porta de entrada para a verdadeira amizade com Deus, onde, aos poucos, Deus torna-se o protagonista desse trato de amizade, ao ponto

40 Cf. Jo 3,30.

41 Conforme podemos conferir no n. 97 do documento final, o Sínodo convida os acompanhantes a terem a coragem de suscitar nos jovens questões verdadeiras, que promovam o real encontro com Jesus Cristo. Para tanto, é indispensável que os próprios guias tenham feito tal experiência em sua vida pessoal.

42 Cf. 1Ts 3,13.

43 SÍNODO DOS BISPOS, Documento final, Os jovens, a fé e o discernimento vocacional, n. 88.





de tornar-se Senhor de nossas vidas, de nossas ações, de nosso modo de amar, de nosso jeito de estar com os jovens e conduzi-los ao encontro que já transformou nossas vidas e, por isso, podemos dar um testemunho credível.⁴⁴ Trata-se de um esforço pessoal, que é antecipado por Deus, uma vez que a Santíssima Trindade escolheu nosso coração para ser sua morada⁴⁵, para ser seu templo santo. Ele nos convida a entrarmos em nosso interior e estarmos com Ele, para sermos inebriados/as pelo amor⁴⁶, para deixarmos cair por terra toda a falsa ilusão de nossas certezas e ancorarmos n'Ele todas as nossas seguranças.⁴⁷ A Verdade divina é imutável⁴⁸, sendo assim, quanto mais íntimos formos dela, mais alcançaremos o coração dos jovens desse tempo, e ousamos dizer, de todos os tempos da história. O Sínodo nos recorda que, mesmo havendo a necessidade de uma linguagem acessível aos tempos atuais, o essencial, no encontro com as novas gerações, não pode ser “negociado”.⁴⁹

A necessidade de uma formação continuada

No entanto, esse processo não se dá sem um grande esforço de nossa parte. Precisamos ter a coragem de admitir que o caminho está aí para ser percorrido, com passos diários, menores ou maiores, porém, perseverantes. Passos carregados de esperança e transbordantes de humildade. Sim, esperança de que Cristo nos conduz e por sua misericórdia nos capacita; e, transbordantes da humildade de quem sabe-se incapaz para amar fora da graça, de quem sabe-se inacabado até o último momento, necessitado de crescer sempre em sabedoria e graça diante de Deus e dos/as irmãos/as. Um caminho de formação continuada é o convite para toda a pessoa consagrada que quer colocar-se ao lado dos jovens e dispor-se a servi-los por amor a Jesus Cristo. Eis o que a assembleia sinodal nos diz a esse respeito:

A tarefa específica da formação integral dos candidatos ao ministério ordenado e à vida consagrada masculina e feminina continua a ser um importante desafio para a Igreja. Lembra-se também a importância de uma formação cultural e teológica sólida para consagradas e consagrados. No que diz respeito aos seminários, o primeiro dever é, obviamente, a adoção e tradução funcional da nova *Ratio fundamentalis institutionis sacerdotalis*.⁵⁰

44 Para aprofundarmos o tema do conhecimento de si diante de Deus, sugerimos a obra: FREI MARIA-EUGÊNIO DO MENINO JESUS. Quero ver a Deus. Petrópolis: Vozes, 2016.

45 Cf. SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 7,3,11.

46 Cf. Ct 1,1-4.

47 Cf. Sl 26,1.

48 Cf. TOMÁS DE AQUINO, Suma Teológica, I,16,VIII.

49 Cf. SÍNODO DOS BISPOS, Documento final, Os jovens, a fê e o discernimento vocacional, n. 113.

50 Ibid., 163.





Somos chamados a nos desinstalarmos⁵¹, depositando no Senhor e em sua Palavra toda a nossa segurança, deixando que Ele conduza nossas escolhas e decisões, inclusive aquelas que dizem respeito a uma formação sólida e coerente com nossa consagração. Se esse processo não estiver aos cuidados do Senhor, corremos o risco de nos submeter a formações que nos distanciam de nossa vocação, que nos afastam da Igreja e certamente do próprio Evangelho. Talvez estejamos carecendo de formações continuadas que se diferenciem das ondas de informação que recebemos diariamente, dos tantos e passageiros conteúdos emergentes aos quais temos acesso. Alicerçar a própria formação em bases seguras é garantia de uma boa construção, capaz de abrigar a muitos, inclusive os jovens bombardeados por informações superficiais que pouco podem ajudar. Um/a consagrado/a bem formado/a torna-se visibilidade da verdade que vem de Deus, oferecendo aos jovens uma fonte de segurança em meio a um mundo de inseguranças e instabilidades.⁵²

Estar com os jovens sem perder a identidade

Entendemos que a formação continuada poderá favorecer ao/à consagrado/a maior solidez na constituição de sua própria personalidade, no conhecimento e potencialização de suas virtudes, bem como no conhecimento e combate a seus vícios. Uma formação continuada que tenha seu alicerce em Jesus Cristo, através da Palavra, do Magistério, da vida dos Santos e de tantos outros meios que oferece a santa Igreja, é caminho eficaz para clarear e fortalecer a identidade da pessoa consagrada, favorecendo que seu testemunho entre os jovens seja acessível e de acordo com sua vocação. Tal formação em momento algum estará em contradição com a cultura e o progresso, pois esses, quando vêm de um ato de amor ao Senhor, aos irmãos e a toda a criação, são dom do próprio Deus a toda a humanidade. Queremos dizer que, estar entre os jovens não significa ter atitudes que deponham contra a própria consagração. Acompanhar os jovens no despertar da fé e no processo do discernimento requer maturidade da parte de quem acompanha. Urge a necessidade de uma consciência em contínua formação, que a assembleia sinodal assim define:

Formar a consciência requer o caminho da vida inteira, ao longo do qual se aprende a cultivar os mesmos sentimentos de Jesus Cristo, assumindo os critérios das suas opções e as intenções do seu agir (cf. Fl 2,5). Para chegar à dimensão mais profunda da consciência é importante, segundo

51 Cf. PAPA FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, 46.

52 Ainda no n. 164 do documento sinodal podemos ver as indicações que emergem a respeito da formação daqueles(as) que são chamados ao acompanhamento dos jovens.





a visão cristã, a solicitude pela interioridade que inclui, antes de tudo, tempos de silêncio, contemplação orante e escuta da Palavra, o suporte da prática sacramental e do ensinamento da Igreja. Além disso, é necessária a prática habitual do bem, verificada no exame de consciência: um exercício no qual não se trata apenas de identificar os pecados, mas também de reconhecer a obra de Deus na própria experiência quotidiana, nas vicissitudes da história e das culturas onde se está inserido, no testemunho de numerosos homens e mulheres que nos precederam ou acompanham com a sua sabedoria. Tudo isto ajuda a crescer na virtude da prudência, articulando a orientação global da existência com as opções concretas, na consciência serena dos próprios dons e dos limites.⁵³

Essa formação precisa estar alicerçada em um sério trabalho de conhecimento de si diante de Deus, manifesto em passos perseverantes de crescimento rumo a Cristo, estatura perfeita do homem.⁵⁴ Já vimos que muitos de nossos jovens carecem de referências que lhes deem segurança, que sejam coerentes em apontar um caminho, que façam os discursos coincidirem com vida vivida. Indicar consagrados/as para o acompanhamento vocacional que estejam instáveis em sua vocação, que não tenham condições de discernir e escolher o que condiz ou não com sua opção de vida, é colocar em risco o discernimento do próprio jovem. Precisamos trilhar um caminho de conversão, buscar a purificação do coração e a coerência evangélica. Precisamos nos deixar moldar pela Eucaristia, tomando a forma daquele Pão partido para a vida do mundo. O Sínodo nos chama a caminhar com os jovens, dando-lhes testemunho do amor de Deus.⁵⁵

Deixar que vejam Cristo em nossa vida

Somos desafiados a deixar Cristo transparecer em nossa vida, a acolher o convite de João Batista, permitindo que o “Senhor cresça e eu diminua”⁵⁶, que seja Ele a ser reconhecido em nossas palavras e atitudes, ao ponto de afirmarmos com o Apóstolo: “Já não sou eu que vivo, é Cristo quem vive em mim”.⁵⁷ Para isso, precisamos desejar e suplicar a graça de que nosso ser egoísta e autocentrado desapareça. Que pouco a pouco morra em nós o “homem velho” a fim de que nasça o “homem novo”⁵⁸, que traz em seu corpo as marcas da Cruz do Senhor, e, por isso, alicerça todas as suas esperanças no futuro de Deus. Combater, pela graça de Deus, a soberba, o orgulho, a ânsia de poder, a busca pelo *status*, as próprias

53 Ibid., n. 108.

54 Cf. Ef 4,13.

55 Cf. SÍNODO DOS BISPOS, Documento final, Os jovens, a fé e o discernimento vocacional, n. 118.

56 Cf. Jo 3,30.

57 Gl 2,20.

58 Cf. Ef 4,22-24.





carências que buscam por satisfações imediatas, o impulso de acomodar-se deixando-se conduzir por falácias ideológicas nada fundamentadas na essência de nossa fé, dentre tantos outros combates necessários no cotidiano de um consagrado⁵⁹, é um meio eficaz para colaborar com a morte desse “velho homem”, deixando que Cristo reine em nossos corações e atraia para si tantos jovens que, por estarem sufocados com as migalhas de felicidade que o mundo lhes oferece, podem não estar reconhecendo a voz do Senhor que fala aos seus corações.

Permaneciam em oração, com Maria, a Mãe de Jesus⁶⁰

A maternidade/paternidade na vida consagrada

Fazer-se presente na vida dos jovens, assumir a missão do mistagogo, é uma tarefa árdua, que requer muito mais que um “simples fazer pastoral”. O/a consagrado/a, através de sua presença, é chamado/a a oferecer aos jovens uma acolhida que nasce em seu coração, gerando-os como filhos e filhas amados, confiados pelo Senhor, para que juntos caminhem para a eternidade. Um amor desinteressado, gratuito, fruto do amor que sente pelo Amigo, capaz de dar de si, aliás, de dar o melhor de si, para que também esses jovens possam fazer a experiência do verdadeiro encontro com Jesus Cristo, encontrando n’Ele a Beleza da própria existência. Enfim,

a consciência de que acompanhar é uma missão que exige uma profunda radicação na vida espiritual há de ajudá-lo a manter-se livre em relação aos jovens que acompanha: respeitará o êxito do percurso deles, assistindo-os com a oração e regozijando-se com os frutos que o Espírito produz naqueles que lhe abrem o coração, sem procurar impor-lhes a sua vontade nem as suas preferências. De igual modo, será capaz de se colocar ao serviço, em vez de ocupar o centro da situação assumindo atitudes possessivas e manipuladoras que criam, não liberdade, mas dependência nas pessoas. Este respeito profundo será também a melhor garantia contra os riscos de imitação servil e de abusos de todos os tipos.⁶¹

Nesse momento de nossa história, muitos de nossos jovens vivem à deriva, pois não receberam em suas famílias, ou de outras instituições

59 A respeito do combate espiritual sugerimos: CASSIANO, J. Instituições cenobíticas. Juiz de Fora: Subiaco, 2015.

60 Cf. At 1,14.

61 SÍNODO DOS BISPOS, Documento final, Os jovens, a fé e o discernimento vocacional, n. 102.





nas quais participam, referências suficientes que lhes tenham assegurado um desenvolvimento saudável, que lhes possibilite uma equilibrada construção de sua identidade e uma desejada firmeza na fé. Cabe às pessoas consagradas expressarem, com seu testemunho, o Amor que, incondicionalmente, Deus oferece a cada um. Amor expresso de tantas formas ao longo da história da humanidade, mas, em especial, de maneira tão terna e materna, na presença constante de Maria na vida de seus filhos e filhas, assim como foi na vida de Jesus. Desenvolver para com os jovens um amor que cuida e ajuda a dar passos rumo à verdadeira felicidade é ser um pouco “pai e mãe”⁶² na vida de cada um, e isso, em tempos onde a base familiar vem sendo dia após dia dilacerada, é uma graça para todos os jovens que estão confiados à nossa missão. A falta desse testemunho em nossas comunidades será um escândalo para todo o jovem que vier ao nosso encontro.

Maria, modelo de maternidade consagrada

Na oferta deste amor cuidador, que acompanha e ajuda a dar passos rumo à verdadeira liberdade em Deus, a pessoa consagrada necessita assumir para si modelos que a ajudem a cumprir a missão de amor que lhes foi confiada. O risco de tornarmo-nos donos dos jovens, de querermos através deles suprir nossas carências, de neles encontrarmos justificativas para nossas “fugas comunitárias”, ou de sermos uma presença superficial que está com eles por conveniências e interesses institucionais, pode ser combatido à medida que tomamos por modelo de acompanhadora Maria, a Senhora do puro amor, que no silêncio doa a própria vida para que se faça a vontade de Deus.⁶³ Eis como a assembleia sinodal apresenta Maria:

Entre todas as figuras bíblicas que ilustram o mistério da vocação, há que contemplar de maneira singular Maria. Mulher jovem que tornou possível, com o seu “sim”, a Encarnação, criando as condições para que todas as outras vocações eclesiais pudessem ser geradas. Ela permanece a primeira discípula de Jesus e o modelo de todo o discipulado. Na sua peregrinação de fé, Maria seguiu o seu Filho até aos pés da cruz e, depois da Ressurreição, acompanhou no Pentecostes a Igreja nascente. Como Mãe e Mestra misericordiosa, continua a acompanhar a Igreja e a implorar o Espírito que vivifica todas as vocações. Assim, é evidente que o “princípio mariano” tem um papel eminente, iluminando a

62 Cf. *Ibid.*, n. 112.138.

63 Cf. Lc 1,38.





vida inteira da Igreja nas suas diversificadas manifestações. Ao lado da Virgem, também a figura de José, seu Esposo, constitui um modelo exemplar de resposta vocacional.⁶⁴

Ela, que acolheu a missão de ser a Mãe do Filho de Deus, não se guardou para si mesma, mas doou-se inteiramente a Ele. Doando-se, Ela não o reteve para si, mas colaborou para que também Ele vivesse a vontade do Pai em sua plenitude. Com Ela, o/a consagrado/a pode aprender a tornar-se pai/mãe espiritual dos jovens que lhes são confiados por Deus, não criando reservas de autossatisfação provenientes dessa missão, mas tendo-a como uma oferta de amor ao Senhor. Não hesitará, como verdadeiro pai/mãe, a dar de seu pão para seus filhos e filhas, a dar do Pão que o sustenta, o Pão da Vida, que é o Senhor de seu coração.⁶⁵ Não titubeará em oferecer-se para que seus filhos e filhas tenham vida, em acompanhá-los em todos os momentos, mesmo que seja nos “Calvários” da jornada⁶⁶, dando-lhes o testemunho de uma esperança que não murcha nem morre⁶⁷, que vem do Cristo Crucificado-Ressuscitado.

Na escola de Nazaré: a presença, a escuta, o acolhimento

Como Maria, o/a consagrado/a é chamado/a a ser presença materna na vida dos jovens. “Fazer-se presente, apoiar e acompanhar o itinerário rumo a escolhas autênticas é, para a Igreja, uma maneira de exercer a sua função materna, gerando para a liberdade dos filhos de Deus”.⁶⁸ Presença que não acontece apenas em momentos pontuais, momentos agendados, mas, presença que acontece no coração, isto é, de quem mesmo distante, por amar, leva consigo aquele que ama e ora constantemente por ele, por ela. O que qualifica esse “ter presente” é a vida de incessante oração do/a consagrado/a, que não se exime de oferecer a Deus a vida desses jovens, como a mãe que mesmo a distância permanece intimamente unida ao filho, confiando-o inteiramente aos cuidados de Deus. Tê-los presente num coração orante é um cuidado que ultrapassa nossas forças, pois, na verdade, nesse ato, já não somos nós quem cuidamos, mas o próprio Deus quem cuida. Se nosso coração estiver unido ao da Mãe

64 SÍNODO DOS BISPOS, Documento final, Os jovens, a fé e o discernimento vocacional, n. 112.

65 Cf. Ibid., n. 58.

66 Cf. Ibid., n. 67.

67 Cf. 1Pd 1,3-5.

68 SÍNODO DOS BISPOS, Documento final, Os jovens, a fé e o discernimento vocacional, n. 91.



a quem Deus nos confiou, será lá que o Senhor encontrará reunidos seus filhos e filhas, será lá que os tomará em intimidade e lhes falará ao coração, pois é missão da Igreja fazer com que cada homem e mulher encontrem aquele Senhor que já age na sua vida e no seu coração.⁶⁹

Então, quando estivermos fisicamente próximos, nossa escuta não mais será apressada ou seletiva.⁷⁰ Escutaremos aqueles que amamos, escutaremos aqueles pelos quais anseia ouvir nosso coração, daremos para eles o espaço que o amor já dilatou em nós. Nós os acolheremos em nossas vidas, serão nossas reais preocupações, com eles percorreremos seus caminhos, a eles ofereceremos algo semelhante à acolhida que Deus primeiramente nos ofereceu, sem condenações, mas também, sem condescendência com os erros cometidos, uma vez que o verdadeiro amor colabora com o processo de purificação que cada um precisará assumir ao longo do caminho. Escutemos o que nos diz a Assembleia Sinodal:

O bom acompanhador é uma pessoa equilibrada, que sabe escutar, uma pessoa de fé e de oração, que se confrontou com as suas próprias fraquezas e fragilidades. Por isso, sabe ser acolhedor dos jovens que acompanha, sem moralismos nem falsas condescendências. Quando é necessário, sabe oferecer também uma palavra da correção fraterna.⁷¹

Assim, entenderemos que o “Ressuscitado deseja percorrer o caminho com cada jovem, acolhendo as suas expectativas, mesmo que sejam desiludidas, e as suas esperanças, ainda que sejam inadequadas. Jesus caminha, escuta, compartilha”.⁷² Por isso, não nos contentaremos em ver a quem amamos na mediocridade de amores passageiros e ilusórios, ou de alegrias falsas e vazias. Desejaremos de todo o coração que encontrem o melhor, que encontrem Deus em seus corações e se deixem transformar diariamente por essa presença amante e santificante que oferece a plenitude da vida. Logo, não falsearemos nossas palavras e tão pouco nos contentaremos com a superficialidade de nossa oferta. Empenharemos nossas forças em ajudá-los a viverem como Cristo, a fazerem a experiência do encontro com o Senhor, que transformará suas vidas e os convidará a prosseguir amando e fazendo da vida dom para aqueles que lhes forem confiados.

69 Cf. *Ibid.*, n. 105.

70 O número 7 do documento sinodal apresenta o pedido dos jovens de serem ouvidos e ao mesmo tempo constata a falta de adultos disponíveis para essa escuta. O número 117, fala do cuidado necessário para com todos os jovens e não apenas com alguns selecionados.

71 *Ibid.*, n. 102.

72 *Ibid.*, n. 5.





52 Conclusão

Sabendo que a Igreja espera dos consagrados e consagradas que invistam generosamente nos jovens e sugere que proporcionemos a eles uma experiência de acompanhamento tendo em vista o discernimento⁷³, não podemos nos furtar a essa missão e tão pouco deixar de nos preparar para ela.

Ouvindo o que os próprios jovens pedem acerca desse acompanhamento, isto é, que seja feito por pessoas qualificadas⁷⁴, entendemos que precisamos estar à disposição do Senhor, que diariamente nos forma através da vida de oração pessoal e comunitária, do encontro com a palavra do Magistério e da Sagrada Escritura, da entrega confiante ao amor materno de Maria Santíssima, da vida de todos os santos que nos precederam, da vivência do amor para com o próximo, começando pelo próximo que conosco convive no seio de nossas comunidades religiosas. Tudo isto agregado a uma formação intelectual coerente com nossa fé.

Precisamos buscar diariamente nossa santificação, para que, com um testemunho credível, possamos falar ao coração dos jovens, cientes de que Deus é o Princípio e o Fim, Ele é o verdadeiro protagonista de qualquer ação que possamos realizar. Fugir disso é arriscar fazer de nossa missão uma mera ação altruística, que mais nos promove que anuncia o Reino.

O serviço de acompanhamento é uma missão que requer a disponibilidade apostólica de quem o presta. O acompanhador é chamado a obedecer ao Espírito, indo ao encontro dos que o Senhor lhe confiar, mesmo que necessite ir a lugares desérticos, inóspitos e talvez perigosos.⁷⁵ Acompanhar é colocar-se à disposição do Espírito do Senhor⁷⁶, testemunhando com a própria vida as maravilhas que Ele faz na vida de seu povo e, assim, colaborando para que outros possam encontrá-Lo ao longo do caminho. Sem esquecermos que todo o testemunho de entrega ao Senhor começa em nossas comunidades religiosas, pois, desde os primórdios do Caminho, somos reconhecidos pelo amor que nos une, e esse amor atraiu e atrai homens e mulheres de todos os tempos.

73 Cf. *Ibid.*, 161.

74 Cf. *Ibid.*, 101

75 Cf. At 8, 26-40.

76 Cf. SÍNODO DOS BISPOS, Documento final, Os jovens, a fé e o discernimento vocacional., n. 101.





JUVENTUDE E VOCAÇÃO À VIDA CONSAGRADA: REFLEXÕES À LUZ DO SÍNODO DOS JOVENS

PE. JOSÉ CRISTO REY G. PAREDES¹

TRADUÇÃO: IRMÃO ANTÔNIO BENEDITO DE OLIVEIRA²

Motivado pela realização da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, realizado no Vaticano, de 3 a 28 de outubro de 2018, sobre o tema “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional”, desejo, antes de mais nada, tratar de definir quem são eles, como vivem, que potencial existe neles para terem acesso à experiência religiosa. Mais que isso, pretendo refletir sobre um fenômeno — que leva muitos ao desânimo — o fenômeno da fraca probabilidade de que a juventude siga de forma coerente o caminho do Evangelho e, mais especificamente, o caminho da vida consagrada, assumindo-o como seu próprio caminho vocacional. Há quem fique alarmado diante da falta de interesse que não poucos jovens de nosso tempo mostram para com a religião, a Igreja – suas instituições e sua moral – e as vocações.

Descreverei, em primeiro lugar, o fenômeno e, em segundo lugar, os questionamentos e perspectivas que nos desafiam em vista de um novo relacionamento da juventude com a vida consagrada.

1 Sacerdote espanhol da Congregação dos Missionários Claretianos; autor de mais de 30 livros, especialmente sobre vida religiosa consagrada; doutor em Teologia (Roma), professor de diversas disciplinas teológicas, especialmente a teologia da vida consagrada, teologia da missão e do carisma em Madrid, Brasil, Manila; atualmente é Diretor do Instituto Teológico de Vida consagrada em Madrid.

2 Provincial da Província Marista Brasil Centro-Sul e Membro da Diretoria da CRB Nacional.





A preparação, a evolução e a declaração final do Sínodo não conseguiram estudar tudo sobre esse assunto. Mesmo assim, espero que esta reflexão consiga ser útil para uma troca de perspectivas e para incentivar processos formativos que respondam às exigências de nosso tempo.

O FENÔMENO

Logo de início, reconheço minha incapacidade de descrever o fenômeno da juventude no século XXI. Mesmo assim, grande parte de minha missão como sacerdote e professor de teologia transcorreu no contato direto com várias gerações de jovens da Europa, da América Latina, da Ásia e também no meio de não poucos estudantes da África. A isso acrescento o recurso de importantes estudos sobre a juventude de nosso tempo que vou citar e que me proporcionaram uma base admirável para ampliar meu campo de visão e consolidar minhas reflexões.

Para descrever o fenômeno da juventude de nosso tempo, século XXI, vou seguir três coordenadas: 1) **os jovens** e o tempo; 2) **os jovens** e a religião; 3) **os jovens** e o amor.

Os jovens e o tempo

Consideremos, em primeiro lugar, os jovens em sua relação com o tempo. Para eles, ser jovem no século XXI significa manter uma relação paradoxal com o tempo. Não é igual à que nós, a maioria dos adultos e idosos, mantemos. Os jovens vivenciam o tempo como *incerteza, crise, risco, nomadismo*.

É tempo para projetos de vida? Ou é tempo de incertezas e indecisão?

Por estranho que pareça, os jovens abreviam seu próprio futuro. Costumamos dizer — com certa ingenuidade — que o jovem constrói sua identidade quando elabora um projeto consistente de vida e se compromete com ele. Mas, na realidade, ele tem condições de fazer isso?

O projeto é um primeiro itinerário arquitetônico a partir da qual o jovem organiza sua biografia pessoal. Dizemos ainda que quando não existe um projeto, a existência se torna caótica. Graças ao projeto de vida, o futuro se conecta ao presente e ao passado. Esse projeto influencia as atividades de cada dia, que são planejadas de acordo com ele.





Quando conversamos com os jovens de nosso tempo sobre projeto de vida, nos defrontamos com uma realidade dolorosa, que pode ser descrita em diversas etapas:

a) Após as duas terríveis guerras mundiais do século XX, as utopias de um futuro, compreendido como progresso, planejamento, controle... entraram em crise. A triste realidade nos fez entender que esse tal de “progresso ilimitado” é uma ideologia e não corresponde à realidade. O fato é que, quando menos esperamos, tudo pode desmoronar e os melhores projetos se desfazem e deixam de ser úteis, tanto no plano pessoal, como no plano social. Os conflitos sociais cresceram a tal ponto que se fala da “*crise do futuro*”³ e da “*sociedade do risco*”⁴.

b) Ainda que essa situação esteja presente em nossas biografias, sem dúvida ela afeta muito mais as gerações jovens. Os relatos de suas vidas se caracterizam pela imprevisibilidade do futuro e pela flexibilidade permanente. Certa asfixia é o resultado dessa situação. Decorre daí essa segunda modernidade, ou pós-modernidade, não ser um tempo propício para projetos.

“Nômades do presente”

Disse antes que a *crise do futuro* e a *sociedade de risco* afetam de modo muito forte as gerações jovens. São sobretudo elas que sentem mais de perto a transformação das *coordenadas do tempo e do espaço*.⁵ Vejamos por quê:

- a) O tempo social é o mesmo conceito do tempo que herdamos da modernidade. Com respeito aos jovens, o tempo social é o tempo da formação e da preparação para o trabalho. Em se tratando dos adultos, o tempo social é o tempo dedicado ao trabalho (tempo com o peso da responsabilidade). Quanto aos idosos, o tempo social é o tempo da aposentadoria e da pensão merecida (tempo do ócio).⁶
- b) O *tempo industrial* é o conceito de tempo que predomina neste século XXI. Após o tempo dedicado à formação e preparação,

3 K., Pomian, *La crisi dell'avvenire*, in R. Romano (ed.), *Le frontiere del tempo*, Il Saggiatore, Milan, 1981, pp. 97-113.

4 Cf. U. Beck, *La sociedad del riesgo. Hacia una nueva modernidad*, Surcos, Madrid, 2006.

5 Cf. B. Adam, *Timewatch. The Social Analysis of Time*, Polity Press, Cambridge, 1995; Z. Bauman *Modernidad líquida*, Fondo de Cultura Económica, Madrid, 2017; H. Nowotny, H., *Time: The Modern and Postmodern Experience*, Polity Press, Cambridge, 1994

6 Cf. M. Kohli, *Institutionalisierung und Individualisierung der Erwerbsbiographie*, en U. Beck – E. Beck-Gernsheim (eds), *Riskante Freiheiten*, Suhrkamp, Frankfurt a. M. 1994, pp. 219-244; U. Beck, *La sociedad del riesgo. Hacia una nueva modernidad*, Surcos, Madrid, 2006.





uma maioria de jovens não encontra um trabalho adequado às suas potencialidades e capacitação. Essa situação se prolonga por demais. Frequentemente, provoca o desemprego e a paralisção que tanto têm angustiado os jovens. A consequência é a interrupção da narrativa biográfica desses jovens, que passam a ficar em “*off*” num período importantíssimo de suas vidas: *desempregados!* Quando conseguem entrar no mundo do trabalho, o que encontram são trabalhos precários, provisórios, sem continuidade por se dividirem em tarefas variadas.

A narrativa autobiográfica da grande maioria dos jovens fica congelada; suas vidas ficam fragmentadas em pedaços desconexos, tal como observou Zigmund Bauman⁷. O sociólogo italiano Alberto Melucci descreveu os jovens de nosso tempo como “*nômades do presente*”⁸ porque a única coisa que define sua identidade e sua biografia atual é o presente; não têm em vista chegar a lugar nenhum — esses lugares com fronteiras abertas que os meios de comunicação apresentam —, porque, para eles, esses lugares estão bloqueados pelo presente!⁹

O período de transição para a idade adulta se prolonga excessivamente de modo antinatural, e ao mesmo tempo numa forma muito descontínua. Não há sincronia entre os momentos cruciais da transição, que seriam abandonar a casa paterna, ingressar no mundo do trabalho e formar uma família.¹⁰ Ocorrem interrupções frequentes entre uma etapa e outra, períodos de espera, longas pausas... como se não houvesse pressa para crescer!¹¹ Numa situação com esse formato, qualquer decisão que for assumida estará marcada por uma tremenda incerteza: sem projetos a longo prazo, sem uma garantia de futuro, sem pontos de referência para construir a própria vida.¹²

Não raramente, os jovens tendem a prolongar seu convívio com os pais. Mas a convivência entre filhos maiores e seus pais não é nada fácil. Caberá aos pais manter uma atitude aberta, flexível e disposta a negociações, porque é óbvio que nem sempre estarão de acordo com

7 Z. Bauman, *Life in Fragments. Essays in Postmodern Morality*, Blackwell, Oxford, 1995.

8 Cf. Alberto Melucci, *Nomads of the Present: Social Movements and Individual Needs in Contemporary Society*, Radius, 1989.

9 Cassano, F. ‘Pensare la frontiera’, en F. Cassano, *Il pensiero meridiano*, Laterza, Roma-Bari 2003, p. 53.

10 Cf. C. Buzzi, ‘Transizione all’età adulta e immagini del futuro’, en C. Buzzi, A. Cavalli and A. de Lillo (eds), *Giovani del nuovo secolo*, Il Mulino, Bologna, 2002, pp. 19-39; cf. O. Galland, *Sociologie de la jeunesse. L’entrée dans la vie*, Armand Colin, Paris, 1991.

11 Cf. A. Cavalli, *Giovani italiani e giovani europei*, in C. Buzzi, A. Cavalli and A. de Lillo (eds), *Giovani del nuovo secolo*, Il Mulino, Bologna, 2002, pp. 511-521.

12 Cf. H. Reiter, *Past, Present, Future: Biographical Time Structuring of Disadvantaged Young People*, en “*Young. Nordic Journal of Youth Research*”, 11(2003), pp. 253-279.





o estilo e as opções dos filhos, “*nômades do presente*”. Talvez possamos afirmar que boa parte desses jovens encontra nesse convívio com a própria família alguma liberdade de ação e de pensamento e a possibilidade de viver com harmonia em casa e desfrutar dos privilégios próprios de alguém que não tem compromissos imediatos, responsabilidades nem obrigação de organizar a própria vida no dia a dia.¹³

Enfrentamento da incerteza e o combate a ela

A mentalidade deste tempo deixa claro para os jovens que este é o momento de fazer projetos a longo prazo, e não apenas “projetos curtos”, limitados e como resposta imediata ao que pode acontecer. Essa situação exige habilidade, flexibilidade, competência para não perder oportunidades e não ser pego pelo imprevisto. Por isso é que encontramos no repertório intelectual do jovem do século XXI a “incerteza” e também a corrida atrás da “sorte” como oportunidade existencial altamente valorizada. O futuro que se apresenta desse modo é sempre “de curta duração”, múltiplo, sem hierarquia, mas aberto.¹⁴

Essa condição da juventude de nosso tempo foi descrita por Zigmunt Bauman como “incerteza biográfica”¹⁵; e a forma virtuosa de confrontar-se com ela é a flexibilidade.¹⁶ Quando uma pessoa é *nômade do presente*, ela não tem um passado próprio, nem um futuro. As decisões são tomadas “em cima da hora” de acordo com as situações e os contextos, as necessidades e os desejos.¹⁷

Nesse contexto pode ocorrer a nós, consagrados e consagradass, fazer aos jovens e às jovens um convite ou uma proposta: “*Entrem na vida consagrada e vocês não terão problemas com o tempo! Nela vocês vão encontrar uma solução à narrativa de sua vida! Não serão mais ‘nômades do presente’!*”

13 Entre as idades de 18 a 34, os jovens permanecem em suas famílias em “situação normal”. Costuma haver uma diferença entre homens e mulheres. Estas se sentem mais limitadas em sua liberdade na família: cf. C. Facchini, C., ‘La permanenza dei giovani nella famiglia di origine’ (‘Young People’s Stay in the Family’), en C. Buzzi, A. Cavalli and A. de Lillo (eds), *Giovani del nuovo secolo* (Youth in the New Century), Il Mulino, Bologna, 2002, pp. 175-176.

14 Cf. Leccardi, C., *Futuro breve. Le giovani donne e il futuro*, Rosenberg & Sellier, Turin 1996.

15 Bauman o demonstrou amplamente em suas obras (1995; 1999; 2000): a pessoa deve ter mobilidade, estar pronta para aproveitar as oportunidades, atenta para apropriar-se das novas possibilidades assim que surjam, mas também hábil para abandoná-las, quando outras mais vantajosas surgirem no horizonte. O resultado é muitas vezes a sensação de ser uma pessoa inadequada; um incômodo gerado pela disparidade entre o real e o possível. Bauman desvenda algumas características da sociedade líquida. Para ele, a sociedade atual é desregulamentada, pois o mercado é quem dita as regras. E as regras do mercado são marcadas pelo objetivo econômico capitalista: a aniquilação dos concorrentes e o sucesso com os consumidores. O individualismo exacerbado é transposto para uma vida sem referenciais fixos, uma vida líquida.

16 Cf. Sennett, R., *The Corrosion of Character*, Norton and Company, New York/London, 1998.

17 Rosa, H., ‘Social Acceleration: Ethical and Political Consequences of a Desynchronized High-Speed Society’, en “Constellations”, 10 (2003), p. 19.





Mas, é claro, como se sentem os jovens do século XXI em relação à religião? O que ela significa para eles? O que ela lhes oferece?

Os jovens e a religião¹⁸

Vamos refletir agora sobre a dimensão religiosa na vida da juventude atual. Já se passou o tempo da secularização; estamos no tempo da pós-secularização. Talvez não seja este o tempo da religião, mas, sim, e acima de tudo, o tempo da espiritualidade. A juventude do século XXI é marcada de maneira muito peculiar pela espiritualidade.

“Dentro” e “para além” da secularização

Houve um tempo, que já está longe, no qual chegou-se a pensar que a religião desapareceria da vida pública e da vida particular das pessoas. Mas isso não ocorreu. A religião recupera visibilidade e importância, muito embora com outras características e num contexto bem diferenciado dos anteriores. Nós nos encontramos no final de um ciclo histórico e no início de outro.

Se os processos de secularização nos conduziram à sociedade secularizada, a secularização produziu efeitos religiosos e nos trouxe à sociedade pós-secular — ainda que mesclada com a sociedade secular anterior. Nesta sociedade pós-secular surgem formas específicas de religião — as publicamente reconhecidas — e novos movimentos religiosos — seitas, grupos mágicos e esotéricos, pentecostalismos, retorno de crenças ancestrais, uma religião líquida e relativista e um fundamentalismo guerreiro e violento. Não se trata tanto do *revival*¹⁹, de uma revitalização das religiões, mas antes de uma explosão do religioso a partir de uma multiplicidade de experiências estéticas e a partir da necessidade de uma orientação moral que estabeleça relações significativas. A relação com o sagrado evolui de acordo com novas modalidades, nem sempre ortodoxas.

Essa persistência e o *revival* da religião requerem novas categorias de compreensão, novos instrumentos de análise e novas coordenadas (individualização do religioso e pluralismo de crenças). A religião que emerge encontra sua legitimação a partir de opções individuais e não tanto da submissão a instituições: trata-se de dois modelos religiosos diferenciados. A religião que nasce da “*cultura do eu*” busca a auto-realização e o bem-estar pessoal.

18 Cf. Giuseppe Giordan (ed.), *Youth and Religion*, Annual Review of Sociology and Religion, vol. 1, Brill, Leiden-Boston, 2010.

19 Renascimento





A *cultura do eu* — com suas características de auto-realização e bem-estar — faz com que o indivíduo interprete sua existência, não a partir de funções objetivas que lhe são impostas de fora, mas da busca contínua para viver em sintonia com seu eu mais profundo. Somos testemunhas da passagem da exterioridade para a interioridade, das regras impostas à autointrospecção.

Existe também a *cultura do pluralismo religioso*. Os processos migratórios provocam o encontro de muitas sensibilidades religiosas, culturais e simbólicas. Esse pluralismo de valores põe em dúvida a legitimidade e a credibilidade de uma religião sobre outras, sendo então questionados os ritos comuns, as normas morais. O pluralismo religioso intervém decididamente na elaboração de identidades religiosas dignas de fé. Como redefinir a relação com o sagrado numa época caracterizada pelo pluralismo de valores e pelo reconhecimento social da liberdade de escolha do indivíduo?

Estilos de vida e religião²⁰

“Estilo de vida” é um conceito transdisciplinar²¹ que faz parte dos modelos de interpretação das ciências sociais e, em especial, da juventude.²² *Estilo de vida* é um conceito útil na análise das novas espiritualidades.

Há um *estilo de vida horizontal*, de acordo com o qual cada indivíduo constrói sua própria aparência, seu modo de vestir-se e suas práticas. O indivíduo cria para si um significado de unidade pessoal e um toque de diferenciação dos demais. Geralmente compartilha tudo isso com um grupo, constituindo uma subcultura. Esse é o estilo de vida específico da nova espiritualidade.²³ As novas espiritualidades se caracterizam, de um lado, pela grande autonomia dos indivíduos na escolha de suas crenças, na sua forma de rezar e comportar-se e, de outro lado, pela forma diferenciada de legitimar sua atuação e sua identidade religiosa, que é independente de instituições religiosas estabelecidas.

20 Cf. Luigi Berzano, *Life styles and Religion*, en Giuseppe Giordan (ed.), *Youth and Religion*, Annual Review of Sociology and Religion, vol. 1, Brill, Leiden-Boston, 2010 pp. 383-402.

21 É um conceito utilizado na economia, na psicologia, na antropologia, na sociologia, na teologia que é aplicável tanto aos indivíduos como às coletividades, às condutas e às aspirações e projetos de identidade.

22 A Enciclopédia internacional das ciências sociais define o “estilo de vida” como um indicador do estado social para ordenar hierarquicamente a população, segundo se pertença a uma classe ou grupo social ou a outro (vestuário, lugar de residência, nível de instrução, consumo): cf. William, A. Darity (ed.), *International Encyclopaedia of the Social Sciences*, Macmillan, Detroit, 2007.

23 W.C. Roof, *Spiritual Marketplace. Baby Boomers and the Remaking of American Religion*, Princeton University Press, Princeton, 1999; E. Lesser Random, *The New American Spirituality. A Seeker's Guide*, Randon House, New York, 1999; R. Wuthnow, *Creative Spirituality. The Way of the Artist*, University of California Press, Berkeley, 2001; G. Giordan, *Tra religione e spiritualità*, Franco Angeli, Milano, 2006; Id., *Dalla religione alla spiritualità: una nuova legittimazione del sacro?*, en “Quaderni di sociologia”, 35 (2004), pp. 105-117; P. Heelas, L. Woodhead, *The Spiritual Revolution. Why Religion is Giving Way to Spirituality*, Blackwell, Oxford, 2005.





As espiritualidades tradicionais sempre ofereceram seus “*estilos de vida*” próprios dentro de uma caminhada espiritual. Mas hoje surgiram outras formas de espiritualidade: *new age* (nova era), esotérica, mágica, espiritista, astrológica, terapêutica, a espiritualidade do morar, a espiritualidade da busca, a busca do mais profundo de si mesmo e — fala-se também — do misticismo da *internet* e da espiritualidade ateia.

Mais uma forma de espiritualidade episódica que afeta enormemente a juventude de hoje é a *espiritualidade dos eventos religiosos*: as Jornadas Mundiais da Juventude (JMJ), por exemplo. Nesses eventos, os comportamentos e as identidades religiosas assumem formas transitórias, horizontais, interativas e experimentais. São formas parcialmente semelhantes ao que, na sociedade, se transforma em viral, formas experimentais, modismos, tendências e, em menor grau, conversão a um novo sistema cognitivo baseado em valores.²⁴ O catolicismo tem promovido com frequência grandes mobilizações: jubileus, peregrinações, procissões, mas, nas Jornadas da Juventude, prevalecem seu caráter temporal e sua estrutura provisória. Não exigem uma grande socialização, nem uma continuidade simbólica, nem uma fé espiritual. O que as constitui é a experiência intensamente emocional e plena no seu contexto no curto período em que ocorrem. São encontros do gênero “vivência” (“*Erlebnis*”/vivência, na linguagem de Dilthey). Predominam então rituais festivos, experiências estéticas na música, formas de organização por idiomas. São criadas identidades transitórias. Assim, os jovens mostram sua presença participativa, ao mesmo tempo que mantêm uma certa distância da fé como “experiência” e modo de vida (“*Erfahrung*”/experiência, na linguagem de Dilthey).

Estetização da espiritualidade como estilo de vida

Há um processo de “estetização” da vida através do estilo, da moda, da publicidade, da busca de novas tendências.²⁵ Paralelamente, acontece igualmente a estetização da religião: passou-se a dar muita importância à forma, ao estilo, às novas experiências e emoções. Em vez de adotar um estilo de vida religiosa genérico dentro da tradição e dos costumes, os indivíduos preferem construir um estilo que reflita sua própria individualidade. Uma dimensão estética começa hoje a manifestar-se também no encantamento diante dos lugares sagrados, na

24 Garelli, F. e Ferrero Camoletto, R., Una spiritualità in movimento. Le Giornate mondiali della Gioventù, da Roma a Toronto, Ed. Messaggero Padova, Padova, 2003; D. Hervieu-Lèger, La religion en mouvement, Flammarion, Paris, 1999 (capítulo III).

25 Simmel, G., Sociologia, Comunità., Milano, 1989; Id., La moda, Editore Riuniti, Roma, 1985.





antiga “*traditio*”, o neo-monasticismo, a música, a arte, as experiências limítrofes... Em todas essas situações em que se produzem sentimentos intensamente espirituais, o dia a dia profano se transforma em tempo festivo, sagrado, desfazendo os vínculos com a religião institucional. Essa atmosfera afasta o eclipse do sagrado; ao contrário, reproduz novas experiências e novos sentimentos religiosos.²⁶

Espiritualidades que restituem a saúde do estilo de vida

Há outros tipos de espiritualidade que unem saúde espiritual e saúde física, e transmitem o fluxo das energias espirituais ao corpo. A expressão tão frequente nos jovens “*cuide-se*” parece ter-se convertido na oração da espiritualidade curativa.

Saúde e salvação se entrelaçam, tendo como resultado uma situação de bem-estar físico-espiritual, cuja terapia soluciona a alimentação, a saúde, a sexualidade e o relacionamento com os demais. Como primeiro argumento, essa terapia inspira a superação do dualismo entre corpo e espírito, pessoa e mundo, pessoa e Deus. Opta-se, pelo princípio da totalidade, por uma visão holística (*holy-sagrado; health-saúde; holística: abrangente, totalizante, global, não compartimentada*). Encontrar a saúde é encontrar-se consigo mesmo.²⁷

Espiritualidade de apoio à opção pelos pobres

As espiritualidades de apoio são aquelas que têm objetivos sociais, como a opção pelos pobres (santos sociais). Sua espiritualidade conclama para a solidariedade em geral. Predomina um caráter ético no qual se entrelaçam formas de presença e testemunho: as antigas e novas formas de pobreza e marginalidade. Testemunhas do Deus dos pobres: “*mais próximo de Deus, mais junto aos desfavorecidos*”.²⁸

A pergunta que agora nos vem à mente é: “*Encontrarão os jovens de hoje na vida consagrada atual estímulos religiosos nesse estilo?*” No entanto, não é rara a sedução que causam em alguns deles certos estilos neotradicionais, ainda que seja difícil definir se possuem alguma consistência. De qualquer forma, a vida consagrada com seu compromisso de celibato e sua exigente ética sexual transforma a porta de acesso a ela num muro que talvez se possa evitar, mas não atravessar.

26 Cf. Luigi Berzano, o.c., pp. 397-398.

27 Cf. Luigi Berzano, o.c., pp. 398-399.

28 Cf. Luigi Berzano, o.c., pp. 399-400.





Transformação do imaginário e prática amorosa

Os imaginários e as práticas amorosas dos jovens também se transformaram. Surgiram práticas inovadoras que não podem ser inscritas no imaginário romântico ou pós-romântico; que se distanciam dos limites institucionais, que exigem cuidados e podem castigar. Nas práticas juvenis de hoje adquiriram importância a heteronomia e a independência da religião, da moral e das forças de controle da sociedade. Perdeu quase toda a força o binômio sexualidade-culpa ou pecado. Nos meios de comunicação impôs-se paulatinamente uma “cultura da confissão” (*reality-shows, tele-verdade*); a confissão ocupa um lugar central nas narrativas; trata-se de uma “*confissão livre da culpa*”.

A pergunta que nos fazemos é: “*Como interpretar o sentido e a configuração amorosa que orienta a prática desses jovens, mulheres, homens, heterossexuais, homossexuais, transexuais, universitários, operários?*”

Os relacionamentos afetivos entre os jovens se estabelecem sem levar em conta o pertencimento a determinada classe social ou família, a certo *status*. São relacionamentos que se criam por iniciativa própria, em que cada participante assume as consequências que podem provocar. Esses relacionamentos são mantidos apenas na medida em que ambas as partes julgam que eles produzem a satisfação esperada por um e pelo outro.

Os jovens passaram a produzir a “cultura emergente do amoroso” que os leva a novos limites. E essa cultura tem critérios próprios sobre o que se entende por bem-estar, por felicidade, por diversão ou recreação. As identidades não possuem estruturas fixas, são relacionais.³⁰ A duração do relacionamento depende da duração do sentimento. É protelado o momento da consagração social — o matrimônio; os objetivos do relacionamento amoroso com a outra pessoa e o prazer; os papéis na dupla são produto de negociação (Jean-Claude Kauffman). A fidelidade é um valor que se mantém mesmo que seu conteúdo admita matizes variados; a expressão dos sentimentos é cada vez mais aberta tanto para as mulheres como para os homens. As relações sexuais não são

29 Zeyda Rodríguez Morales, *Paradojas de amor romântico: relaciones amorosas entre jóvenes*, Instituto Mexicano de la Juventud, México, 2006.

30 José Manuel Valenzuela, *Culturas juveniles, identidades transitorias*, em “*Jóvenes*” *Revista de estudios sobre la juventud*, 3 (1997), México p. 14.





um terreno livre de regras; o desejo de ter filhos os situa no futuro; e o espaço afetivo envolve a família e os amigos, criando um ambiente no qual o amoroso se adapta ao conjunto, com exceção dos jovens homossexuais que ocultam ou disfarçam seus parceiros.³¹

A dimensão política dos fenômenos amorosos e sexuais

É preciso salientar que o fenômeno amoroso e sexual tem uma dimensão política: ainda que aconteça na intimidade, ele se situa, entretanto, no centro do debate social. Os grupos conservadores e a moral hegemônica reagem com violência às práticas heterodoxas nesse domínio afetivo e sexual.³²

Dizia Margaret Mead que “os jovens são a primeira geração de um mundo que está chegando.”³³ Os jovens tornam-se protagonistas de um mundo novo; sua proposta é como uma revolução de dimensões mundiais. A geração jovem se homogeneizou em sua capacidade de assimilar as mudanças do ritmo em que elas ocorrem. Os jovens indicarão a trajetória pois só eles saberão formular as novas perguntas sobre a nova realidade. Crianças e jovens da sociedade ocidental são receptores de uma grande quantidade de informação, que antes era monopólio dos adultos. De repente assistem a guerras, a enterros, a jogos de sedução erótica, a interlúdios sexuais, a intrigas criminais.³⁴

O jovem não deve ser visto hoje como personagem único. O que temos diante dos olhos é uma enorme rede de grupos, em que se estabelecem infinitos relacionamentos individuais. Os jovens manifestam diferentes atitudes em relação à cultura afetiva dominante. Não se comportam como um sujeito social homogêneo. Há os que reproduzem a cultura nos limites estabelecidos pelo campo simbólico. Há os que resistem à visão hegemônica, exercem pressão sobre os limites dessa visão criando espaço para sua ação inovadora. As mulheres em geral apresentam maior resistência ao imaginário hegemônico.³⁵

Os jovens têm a tarefa de manter uma crônica biográfica coerente diante da necessidade de desenvolver a competência de definir a si

31 Cf. André Bejin, *Le nouveau tempérament sexuel* (Histoire des idées, théorie politique et recherches en sciences sociales), ed. Kimé, 1992.

32 O corpo humano não é somente a base biológica e fisiológica das pessoas. O corpo é um locus privilegiado de poder e se transforma num objeto de saber e de disputa (Michel Foucault, *Historia de la sexualidad. Voluntad de saber, Siglo XXI, Mexico, 1977*).

33 Cf. Margaret Mead, *Sexo y temperamento. En tres sociedades primitivas*, Surcos, Madrid, 2006.

34 Cf. Jesús Martín Barbero, *Jóvenes: des-orden cultural y palimpsestos de identidad*, en *Viviendo a toda: Jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades*, Universidad Central DIUC, Siglo del Hombre Editores, Colombia, 1998, p. 28.

35 Michel Maffesoli, *El tiempo de las tribus*, Icaria editorial, Barcelona, 1990.





mesmos. Têm de tornar clara a própria história pessoal, estabelecer sua própria temporalidade, tomar consciência de seu próprio corpo, interiorizar a dicotomia entre oportunidade de risco e desenvolvimento de valores, como a autenticidade e a lealdade para consigo mesmo.

No campo das crenças religiosas: o contato permanente com informações sobre os problemas e contradições que a hierarquia eclesiástica tem enfrentado nos últimos anos fez com que esses jovens passassem a ser críticos perspicazes contra o sistema religioso.

Questões e perspectivas que a juventude apresenta e propõe em relação à Vida Consagrada

De acordo com o que foi exposto até aqui — com base em estudos profundos sobre a juventude — é claro que os jovens apresentam à vida consagrada uma série de questionamentos que não podemos ignorar. Vejamos alguns deles:

- Vocação como projeto definitivo de vida?
- Religião ou espiritualidade?
- Há algum fundamento novo para entender o celibato?

Vocação como projeto definitivo de vida?

A mentalidade de nosso tempo não oferece às jovens gerações alternativas que consigam manter escolhas pelo resto da vida. A relação com o tempo da juventude do século XXI é de *incerteza, crise, risco, nomadismo*, conforme detalhamos na primeira parte deste estudo.

É normal, então, que uma “*opção para a vida inteira*” — como é a de uma possível vocação à vida consagrada — cause forte impressão nos jovens de hoje e os faça desistir. Constatamos isso na inconsistência de não poucos casais que, com a maior facilidade, recorrem ao divórcio ou à separação, ou de tantos outros que passam a conviver, mas livres de qualquer compromisso social ou religioso.

Uma possível vocação à vida consagrada não se justifica hoje pela estabilidade laboral que oferece, ou porque libera a pessoa da incerteza do futuro, ou porque se torna uma solução para a precariedade econômica. Não é de estranhar, entretanto, que haja pessoas que inicialmente veem esse caminho vocacional como uma solução para o futuro de seus filhos e os levem aos seminários ou centros de formação por essa





razão. Isso tem ocorrido com frequência em períodos de precariedade econômica. Assim é que tem havido postulantes ou aspirantes cheios e a promoção vocacional tem atingido resultados abundantes em alguns países em alguns momentos de sua história.

O discernimento vocacional à vida consagrada e a consequente opção de vida propõem aos jovens uma relação diferente com o tempo: oferece-lhes, antes de mais nada, um horizonte escatológico, quer dizer, a perspectiva do “*tempo de Deus*” que ultrapassa qualquer forma de temporalidade.

Os processos de iniciação à vida consagrada requerem, portanto, um estudo profundo da temporalidade humana e da dimensão escatológica que a Graça implantou nela. E juntamente com essa educação que considera o tempo como *história de Deus com o ser humano*, é preciso que saibamos iniciar esses jovens numa pastoral da fidelidade.

O filósofo francês Jacques Derrida identificou duas facetas do tempo: o futuro e o “que-há-de-vir”³⁶. O “*futuro*” é o que começa conosco e segue adiante: é fruto e resultado de nossos esforços. O “*que-há-de-vir*” é o que chega até nós como fruto e resultado de algo imprevisível. Na interpretação teológica desta sábia distinção entre esses dois “futuros”, Jürgen Moltmann os traduz por “*futurum*” e “*adventus*”. O “*futurum*” é o que nós fazemos, podemos fazer, o que depende de nós. O “*adventus*” é o que a graça de Deus reserva para nós e nos oferece de modo imprevisível.

Nessa perspectiva, é preciso ajudar os nossos jovens na superação do *nomadismo do presente*. Inclusive, levá-los a perceber que um projeto de vida não deve basear-se unicamente no que está a nosso dispor e a nosso alcance no momento presente. É preciso fazer com que percebam que é o *adventus*, o *que-há-de-vir* de Deus que lhes reserva surpresas no momento adequado. Ajuda a compreender isso a imagem de um Jesus que convida Simão Pedro a caminhar sobre as ondas para chegar até onde Ele está. “Sonhando o impossível” se atinge o imprevisível. Os jovens do século XXI são convidados a serem “nômades do *que-há-de-vir*, do *adventus*”. Seus projetos de vida nunca terminarão, serão constantemente renovados, ficando abertos e coerentes com uma confiança sem limites no Deus *que-está-sempre-vindo*, no tempo teológico, que é o *tempo de Deus*.

A incerteza é superada com o fundamento da fé e da confiança no Espírito.

36 Le futur et l'avenir — o “futur” previsível e calculável; o “avenir” imprevisível e rico de novidades impossíveis de serem antecipadas, mas que ocorrerão apesar de não ser possível sequer prever o seu anúncio, quanto menos sua concretização.





No momento de caracterizar a mentalidade de nosso tempo foram apresentadas várias alternativas: secular ou pós-secular; religioso ou pós-religioso; cristão ou pós-cristão; religioso ou espiritual. Todas essas alternativas nos mostram oscilações das experiências humanas num período de profundas mudanças, muito mais do que posicionamentos contraditórios. Não é, então, de se estranhar que a juventude possa manifestar todas as suas diversidades em cada uma dessas aparentes alternativas.

Seria um sinal de sabedoria aconselhar a nossos jovens que experienciem alguma dessas alternativas para conseguir entendê-la de modo mais “holístico”, global e totalizante, para atingir uma compreensão mais abrangente. Não se pense que eu esteja defendendo o “relativismo” ou o “sincretismo”. Trata-se de mergulhar em cada alternativa para descobrir “a verdade” de cada uma delas. A opção pela vida consagrada não é uma opção similar à escolha de um partido, muitas vezes feita na base da manipulação ou da tapeação. Ela se dá numa “opção de mediação” entre as alternativas. A nova geração deve ter um encontro consigo mesma “dentro” da secularização e “além” dela, na religião e na espiritualidade. Deve confrontar-se com a “cultura do eu” e com a “cultura do nós”, a “cultura do povo”, a “cultura da casa comum” ou a “cultura do pluralismo”.

A vida consagrada que é oferecida aos jovens de nosso tempo requer que eles sejam acolhidos em sistemas educativos ou transformadores cheios da sabedoria do Espírito. Trata-se de uma sabedoria que abrange a “totalidade” e não é parcial, que cria pontes e não muros, alianças e não guerras.

A fé cristã tem sido definida tradicionalmente como “católica”. O termo “católico” significa “kata holon”, isto é, “em concordância com a totalidade”. O herege é oposto ao católico, porque divide, separa. A autêntica compreensão do católico nos leva a criar uma grande síntese de mediação, de encontro. Mas se algo deve caracterizar a espiritualidade e a religiosidade católicas é exatamente a opção pelos pobres, pelos últimos, pelos descartados, porque é esse o sinal do Espírito em nosso tempo. Toda espiritualidade e religiosidade que não levar em conta esse dado não corresponderá ao que Jesus disse: “Tive fome e me deste de comer, sede e me deste de beber, no cárcere e enfermo e me visitaste... O que fizeste a cada um destes, a mim o fizeste”.





A opção celibatário-profética: há algum fundamento novo para entender o celibato?

Um dos aspectos da vocação à vida consagrada que leva os jovens do século XXI a desistirem talvez seja a perspectiva vital que exige deles uma vida celibatária. Não parece tratar-se de uma opção de vida fácil no contexto de sociedades muito tolerantes no que se refere aos relacionamentos amorosos, abertos a expressões variadas e opostas — isso sim! e mais do que nunca antes! — ao abuso ou ao assédio sexual, à violência machista ou doméstica, à pedofilia, à pornografia infantil.

O primeiro elemento a ser apresentado ao jovem do século XXI não é um celibato como mera abstinência ou continência sexual. O autêntico celibato cristão é “profético”. Quer dizer, carrega consigo uma mensagem, um anúncio, uma boa nova, é portador do Evangelho para a sociedade.

O celibato bem vivido pelos que seguem os conselhos do Espírito não é uma carga, mas uma possibilidade profética importantíssima para a nossa sociedade. O Espírito Santo instrui internamente aqueles a quem o Pai chama a esse estilo de vida. O Espírito renova para eles ou elas os conselhos de Jesus sobre o Reino de Deus e a Aliança de Deus com a humanidade. E não apenas renova, mas também transmite energia e capacitação para viver um celibato profético.³⁷

O celibato profético encontra na vida em comunidade um biótopo e uma biocenose³⁸ para o florescer e o evoluir da forma humana mais energizante e humanizadora.³⁹

Conclusão

A Igreja não deve desanimar diante da difícil comunhão entre as novas gerações e as formas de vida cristãs que podem ser apresentadas a elas como vocações à vida consagrada. O Espírito de Deus não se cansa de

37 Cf. José Cristo Rey García Paredes, *El encanto de la vida consagrada. Una Alianza y tres Consejos*, San Pablo, Madrid, 2016.

38 Biótopo é o lugar em que se desenvolve a vida (bios/vida; topos/lugar-terra). Os biótopos são espaços que tornam possível o desenvolvimento de certo tipo de vida, um habitat ideal para determinado tipo de vida. Biocenose, biota ou comunidade biológica é a associação de comunidades que habitam um biótopo. O termo “biocenose” (bios/vida; koinos/comum, público) foi criado pelo zoólogo alemão Karl August Möbius, em 1877, para ressaltar a relação de vida em comum dos seres que habitam determinada região.

39 Cf. José Cristo Rey García Paredes, *Otra comunidad es posible. Bajo el liderazgo del Espíritu*, Publicaciones Claretianas, Madrid, 2018.





chamar e atuar na juventude, como sempre o fez. A juventude atual não está abandonada pela mão de Deus. Ela é objeto preferencial da ação de Deus na ação permanente de sua Aliança com a humanidade e com a criação.

Cabe a nós, na Igreja, a tarefa de apresentar novas categorias de vida cristã e seus formatos para que sejam carregados de significado para o nosso tempo. E esta situação está em busca de novos processos formativos, muito mais sábios, mais holísticos. Esses novos caminhos estão surgindo. Esperemos que o Sínodo sobre os jovens os apresente. Sentimos necessidade hoje é de uma nova sensibilidade e abertura ao *que-há-de-vir* emergente e de uma nova formação de formadores que sejam autenticamente transformadores.



POLÍTICAS PÚBLICAS E SAÚDE

IR. MARISA INÊZ MOSENA¹, SMI

“Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância”. (Jo 10, 10)

Introdução

O tema da saúde é sempre atual e instigante. Atrai e fascina, porque se refere à vida, dom de Deus, imagem e semelhança de Deus.

Devido às consequências que afetam a vida em todos os âmbitos, a saúde integra o quadro das políticas públicas, e é uma política social bem definida e caracterizada. Quanto ao seu conceito, a saúde pública nada mais é do que a arte e também a ciência de prevenir doenças, aumentar a expectativa de vida, além de também cuidar da saúde mental.

Se, por uma parte, evoluímos com a tecnologia avançada, por outra, temos consciência da perda de muitos direitos sociais e de cidadania com o último governo e ilegítimo. Necessitamos fortalecer os movimentos sociais e permanecer vigilantes.

Percebemos hoje grandes contradições na área da saúde pública e suas políticas. Se, por um lado, a saúde pública no Brasil é muito completa

¹ Congregação das Irmãs Ministras dos Enfermos de São Camilo (SMI), Mestranda em Ética Teológica (ISI – BH); Especialista em Bioética e Pastoral da Saúde (Centro Universitário São Camilo – SP), Bacharel em Serviço Social (UNISINOS – RS), Ciências Religiosas (PUC-RS). Desenvolveu atividades no governo Provincial do Brasil, dedicou-se à formação de jovens vocacionadas nas várias etapas da formação, orientou retiros para leigos e religiosos, Coordenou a Pastoral da Saúde na Arquidiocese de Feira de Santana – BA, assessora os leigos identificados à Congregação, na Região Nordeste, preside a ONG Oratório Festivo São João Bosco, em Aracaju, para crianças e adolescentes. Contato: marisainez@yahoo.com.br Fone: (79) 99865-1733.





evoluindo com resultados significativos desde que o Sistema Único de Saúde foi criado, por outro, enfrenta inúmeras dificuldades, comprometendo a qualidade do atendimento à população. Considerando que o Brasil é um país de dimensões continentais e heterogêneo, em sua constituição, interculturalidade, miscigenação, situação econômica, a saúde, como outras áreas vulneráveis, tem seus altos e baixos e discrepâncias.

Através do Sistema Único de Saúde, todos os cidadãos têm direito a consultas, exames, internações e tratamentos nas Unidades de Saúde vinculadas ao SUS, sejam públicas (da esfera municipal, estadual e federal), sejam privadas, contratadas pelo gestor público de saúde.

Diante da fragilização da vida e da saúde, também a Igreja, através do papa Paulo VI, instituiu, em 15 de julho de 1971, o Pontifício Concílio *Cor Unum*, o qual, a partir de 1975, desenvolve o encargo de seguir e coordenar as atividades médicas católicas, para tornar mais eficaz a presença eclesial no mundo da saúde. Além disto, em todas as instâncias da Igreja, há presenças significativas no controle e nas práticas do cuidado da vida, porque é parte intrínseca da dimensão pastoral da Igreja, zelando pela ética e pela concretização dos programas de saúde para que as pessoas tenham qualidade de vida, como é o desejo expresso pelo próprio Jesus.

O capítulo dedicado à saúde na nova Constituição Federal, promulgada em outubro de 1988, retrata o resultado de todo o processo desenvolvido, e para dar um novo impulso no cuidado da vida, cria-se o Sistema Único de Saúde (SUS), determinando que “a saúde é direito de todos e dever do Estado” (art. 196).

Em referência a este tema, há um vasto horizonte de chamados e desafios para a Vida Religiosa Consagrada. As Políticas Públicas da Saúde são um dos espaços privilegiados do exercício do profetismo, em defesa da vida e dos direitos dos pobres e minorias. E para haver credibilidade, supõe-se autenticidade nas práticas de saúde de cada um de nós.

Educação para a vida

A Vida Religiosa Consagrada, por primeiro, é exemplo e testemunha no cuidado da vida e da saúde como dom de Deus. Nesta hora de instabilidade política, econômica, social, precisamos nos mobilizar, estar atentos, vigilantes, continuando a missão “de pontas de lança”, vanguarda da Igreja e da sociedade, em defesa dos pobres e pequenos, os preferidos do Reino de Deus; e vigilância sobre nós mesmos, em nossas práticas de saúde.





É preciso dar atenção a estes três problemas graves de saúde do Brasil: a obesidade, a hipertensão e o diabetes. Para os dois primeiros casos, já existe uma estrutura de atendimento do SUS. É constatado que a obesidade se manifesta num crescendo alarmante. Ela, a obesidade, é um dos principais gatilhos que desencadeiam o diabetes e a hipertensão, além de muitas outras complicações e, não menos, desgastes, gastos, deslocamentos e sofrimentos para as pessoas acometidas e seus familiares.

Com relação à obesidade, que ocorre quando há acúmulo de gordura no organismo, é em si não só uma doença, mas também um fator de risco importante para outras doenças, como o câncer, diabetes e doenças cardiovasculares. Os nossos hábitos de vida, principalmente alimentares (sedentarismo, comidas industrializadas, estresse, etc.), têm contribuído para o aumento da obesidade, que já é considerada uma pandemia pela Organização Mundial da Saúde. Uma boa disciplina é ainda o remédio mais eficaz.

Dados estatísticos da OMS dão conta que, no Brasil, cerca de 48% da população está acima do peso e 15% com obesidade. Como a obesidade é fator de risco para inúmeras doenças, fica evidente que ela é uma questão de saúde pública e que deve ser bem compreendida para a formulação de políticas públicas, dando especial atenção à educação alimentar.

No caso da hipertensão – conhecida como pressão alta – este quadro ocorre quando a pressão sanguínea se iguala ou ultrapassa o nível de 14 x 9 (140 por 90) em decorrência de uma contração dos vasos sanguíneos. Como os vasos ficam mais contraídos, o sangue tem dificuldade de circular e pode acabar entupindo ou rompendo essas vias.

O diabetes é uma doença crônica devido à falta da liberação da insulina pelo corpo, hormônio que controla a quantidade da glicose no sangue. Ela é também considerada um problema de saúde pública, pois já se considera uma epidemia global. Suas principais causas são, novamente, a obesidade, o sedentarismo (falta de atividade física sistemática) e a alimentação inadequada. É uma doença silenciosa, muito perigosa, pois a pessoa sequer se dá conta dela e o diagnóstico, às vezes, é dado em estágio avançado.

Dados estatísticos informam que o Brasil ocupa o 4º lugar no ranking mundial desta doença, com cerca de 12 milhões de adultos portadores, ou seja, 6,9% da população. Para atender esses pacientes, a Lei 11.347 de setembro de 2006 determinou gratuidade nos medicamentos e materiais necessários à aplicação, manutenção e monitoramento da glicemia.





Graças ao avanço da ciência e da tecnologia, hoje o diabetes e a hipertensão podem ser controlados com diagnóstico e medicação adequada.

Política Pública e Meio Ambiente

O cuidado da criação é também um espaço privilegiado para a promoção da saúde integral. Os modelos atuais de desenvolvimento provocaram verdadeiros desastres ambientais que afetam a saúde das pessoas e das comunidades. É necessário “empreender a reeducação de todos diante do valor da vida e da interdependência dos diversos ecossistemas”. (Guia para a Pastoral da Saúde na América Latina e no Caribe n.141)

“O homem, chamado a cultivar e custodiar o jardim do mundo, tem uma responsabilidade específica sobre o ambiente da vida, ou seja, sobre a criação que Deus pôs a serviço de sua dignidade pessoal, de sua vida, com relação não só ao presente, mas também às gerações futuras”. (*Evangelium Vitae*, 42).

Ligando saúde ao meio ambiente, sem sombra de dúvida podemos afirmar que 90 a 95% de todos os cânceros são evitáveis, e nós não sabemos disso. Desde a tenra idade, na família, na escola, no âmbito social, precisamos optar pela educação integral à vida, evitando tudo o que é prejudicial a ela e, como resultado, teremos saúde e “*vida em abundância*”, como é o projeto de Jesus e o sonho de Deus.

Políticas Públicas da Saúde

O SUS tem muitas divisões internas com a função de atender situações específicas de saúde. À medida que surgem novas necessidades, são propostas novas políticas públicas. Destacamos algumas delas que tem sido uma resposta parcialmente satisfatória, porque ainda em desenvolvimento: Subsistema de atenção à saúde indígena; Subsistema de atendimento e internação domiciliar; Subsistema de acompanhamento durante o trabalho de parto, parto e pós-parto imediato; Bancos de sangue; Rede de atenção psicossocial; Programa de saúde na escola; Programa de saúde da família; Política nacional de saúde bucal; Programa nacional de imunizações; Programa farmácia popular; Programa de saúde da Mulher; Programa de prevenção e saúde para o Homem; Programa de atenção à Saúde da Criança; Programa de saúde e social para a pessoa idosa; Programa de recuperação de dependentes químicos.





Ações que ajudam a pessoa a enfrentar o Alzheimer, por exemplo, que gera demência e faz perder, por primeiro, a autonomia, seguida pela perda da independência, que são valores preciosos do ser humano no entardecer da vida. Aprender – podemos em qualquer idade – ajuda o cérebro a rejuvenescer. O canto, por exemplo, ajuda a fortalecer os músculos da garganta (para poder deglutir o alimento); a atividade física ajuda a se ligar com o mundo, e a meditação leva a reorganizar os pensamentos, a fortalecer os neurônios, gerando serenidade, liberdade, consciência, fortalecimento nas relações humanas.

Enfim, a qualidade de vida que todos almejamos depende, de forma direta e imediata, de cada pessoa. Segundo Hipócrates, faça do seu alimento a sua medicina, para “*não fazer da medicina o seu alimento*”! Ou, outro dito, “*you are what you eat*”.

Então, a educação alimentar é básica para uma pessoa se manter saudável, assim como o exercício físico sistemático; também cultivar uma mente saudável com bons pensamentos; enfim, é um compromisso consigo mesmo, que vai gerar condições de superar as doenças que podem ocorrer em nossa vida. Por vezes, sabemos o que é bom para nós, mas não assumimos com determinação as práticas saudáveis.

Hoje, temos dados sobre a discrepância dos valores investidos na saúde pública e na saúde privada. Em uma de suas palestras, o Dr. Dráuzio Varella mostra que o SUS investe cerca de R\$ 103 bilhões por ano e atende 80% da população brasileira; já a saúde suplementar, que atende apenas 25% dos cidadãos, investe R\$ 90,5 bilhões. Isso quer dizer que os gastos por paciente são, em média, três vezes mais altos na saúde suplementar do que na saúde pública.

O SUS e as Políticas Públicas da Saúde

O SUS é o conjunto de ações e serviços públicos de saúde integrados em uma rede regionalizada e hierarquizada, com os seguintes princípios:

- Universalidade – todo cidadão tem direito ao acesso a todos os tipos de serviços públicos (estatais ou privados, contratados ou conveniados), e o sistema deve garantir este direito;
- Equidade – igualdade com justiça, em que as diferenças são consideradas e recebem tratamento igualitário;
- Integralidade – a pessoa deve ser percebida como um todo inserida em uma comunidade e num meio ambiente, e os serviços devem ser capazes de prestar assistência integral.





O Sistema Único de Saúde é um dos maiores sistemas de saúde pública do mundo. Hoje são 208,5 milhões de brasileiros potencialmente usuários e 150 milhões que dependem exclusivamente desse sistema (estatística 2017). Apesar de inúmeras conquistas e avanços desde a sua criação, a saúde pública no Brasil enfrenta diversos problemas. É comum pacientes esperarem horas para ser atendidos, hospitais sem leitos suficientes, estrutura precária e grandes filas para consultas e tratamentos.

Muitos pesquisadores e especialistas na área têm se debruçado sobre o tema a fim de verificar os principais gargalos do sistema e há certa unanimidade em relação a dois aspectos: o sistema é mal gerenciado e o financiamento é insuficiente. O setor privado está se tornando um grande desafio para as Políticas Públicas, bem como a máquina administrativa do governo em ordem à liberação e/ou ordenamento de recursos.

No Art. 196, a Constituição Federal adotou o conceito amplo de saúde ao incumbir o Estado do dever de elaborar políticas sociais e econômicas que permitam o acesso universal e igualitário às ações e serviços para promoção, proteção e recuperação da saúde, caracterizando, deste modo, a saúde como uma das mais importantes da política pública.

Após a sua inclusão, na Constituição Federal de 1988, a população vem se conscientizando cada vez mais e lutando pelo seu direito, como destinatária privilegiada da proteção do Estado de Direito. O direito à saúde é um dos direitos mais debatidos e instigantes, em vários âmbitos da Sociedade.

Além disso, foram inseridos, no próprio texto constitucional, aspectos relevantes quanto à organização e procedimentos de saúde. A Constituição Federal de 1988, nos Arts. 198, 199 e 200, atribuiu ao Sistema Único de Saúde a coordenação e a execução das políticas para proteção e promoção da saúde no Brasil, assegurando a dignidade humana.

Controle Social no SUS

A Lei Nº 8.142, de 28 de dezembro de 1990, estabelece duas formas de participação da população na gestão do Sistema Único de Saúde: as Conferências e os Conselhos de Saúde, em que a comunidade, através de seus representantes, pode opinar, definir, acompanhar a execução e fiscalizar as ações de saúde nas três esferas de governo: federal, estadual e municipal.





Os Conselhos de Saúde são os órgãos de controle do SUS pela sociedade nos níveis municipal, estadual e federal. Eles foram criados para permitir que a população possa interferir na gestão da saúde, defendendo os interesses da coletividade para que estes sejam atendidos pelas ações governamentais.

Conclusão

Muito ainda se poderia trazer à luz neste tema tão atual e instigante, mas deixamos a sublime tarefa do conhecimento da Legislação Federal, Estadual e Municipal, para que cada um possa fazer a sua parte, a fim de que todos tenham vida e a tenham em abundância, em continuação à missão iniciada por Jesus e deixada a cada um de nós para a continuidade do Reino de Deus, especialmente na prática da justiça.

Reafirmo a importância e a urgência de acolher o desafio de acompanhar o desenrolar das Políticas Públicas da saúde, através do conhecimento aprofundado do SUS, da Constituição na Legislação da Saúde, da indispensável participação nas Conferências de Saúde e da integração nos Conselhos de Saúde, em suas diferentes instâncias, como cidadãos e comunidades comprometidas com a vida.



A MISSÃO DOS RELIGIOSOS IRMÃOS EM UMA IGREJA “EM SAÍDA”

IRMÃO EDGAR G. NICODEM¹

Ao abordar o tema da *Missão dos Religiosos Irmãos em uma Igreja “em saída”*, vamos inicialmente considerar as transformações culturais que afetam os horizontes de sentido e que incidem na vida da Igreja, na Vida Religiosa Consagrada e na missão dos religiosos Irmãos.

Somos um grupo relativamente pequeno de religiosos não sacerdotes. Segundo o Anuário Pontifício 2018, somos 54.559 religiosos Irmãos. Considerando outros grupos na Igreja, como as religiosas (659.000) e os clérigos (466.634), o grupo dos Irmãos é realmente pequeno num universo de 1 bilhão e 299 milhões de católicos. Pode ser relevante no mundo católico e mesmo na sociedade um grupo tão pequeno em termos numéricos? Há alguns anos o próprio Vaticano mostrou a sua preocupação com este grupo de religiosos através do documento *Identidade e Missão do Religioso Irmão na Igreja*. Por isso a pergunta: qual o sentido da vocação e da missão do religioso Irmão na sociedade e particularmente em uma Igreja “em saída”?

¹ Provincial da Província La Salle Brasil-Chile e Presidente da Rede La Salle. Membro da Diretoria da CRB Nacional e Vice-Presidente da CRB Nacional.





Movendo-nos entre a antessala do céu e a porta do inferno

77

Considerando o momento atual da sociedade, da Igreja e da Vida Religiosa Consagrada, podemos afirmar com Dom Pedro Casaldáliga²:

*Es tarde
pero es nuestra hora.
Es tarde
pero es todo el tiempo
que tenemos a mano
para hacer el futuro.
Es tarde
pero somos nosotros
esta hora tardía.
Es tarde
pero es madrugada
si insistimos un poco.*

Com a sua habilidade poética, Dom Pedro Casaldáliga indica que estamos, por um lado, em uma encruzilhada, por outro, em uma nova alvorada. Há sinais da noite que avança e do dia que se aproxima. Quais são os sinais na sociedade, na Igreja e na Vida Religiosa Consagrada desta nova alvorada? O que eles significam para os religiosos Irmãos? Qual será a nossa contribuição, com outros grupos da Igreja e da sociedade, na configuração de uma nova aurora de paz, esperança, justiça e solidariedade?

Vivemos “*uma grande transformação, tanto socioeconômica, com o constante progresso da cultura material, quanto ético e cultural, que se expressa na cultura simbólica, particularmente na esfera dos valores*”.³ Praticamente não existe área ou esfera humana que esteja imune às transformações em curso.

Os horizontes e as Prioridades da Conferência de Religiosos do Brasil (CRB) 2007 a 2019 indicam claramente este processo de mudança de época. Em 2007, falava-se de profundas transformações e grandes desafios; em 2011, o destaque recaía sobre a complexidade e a pluralidade; em 2013, afirma-se que estamos em uma encruzilha histórica; e em 2016, o termo que sintetizava o momento político, social, cultural, e econômico é a crise.

Yuval Noah Harari, em *Uma breve história da humanidade*, afirma que

2 <https://entrenomadas.wordpress.com/2008/12/08/un-poema-de-pedro-casaldaliga/>

3 Cf. Neutzling, Ignácio. Uma época de mudanças - Uma mudança de época. Algumas observações, in Revista Convergência 409 (2008), p. 108.



estamos entre o céu e o inferno, movendo-nos nervosamente dos portões de um para a antessala do outro. A história ainda não se decidiu sobre nosso destino, e uma série de coincidências ainda pode nos colocar em uma outra direção⁴.

Efetivamente estamos em uma encruzilhada. O que está em risco é o futuro da mãe Terra, com todos os seus habitantes. O momento requer lucidez, discernimento e decisões corajosas. Qual pode ser a nossa contribuição de religiosos Irmãos?

Discípulos e Missionários na Igreja “em saída”

Em *A Igreja Perplexa*⁵, Agenor Brighenti afirma que novas perguntas exigem novas respostas. Trata-se de um imperativo. Existem, segundo Brighenti, três grandes tarefas para Igreja. A primeira é reprojeter a sua missão. A segunda é a refundação identitária. A terceira é a renovação institucional. As três tarefas mencionadas são fundamentais para que ela possa ser efetivamente uma Igreja “em saída”.

Segundo o documento de Aparecida, a Igreja é “*chamada a fazer de todos os seus membros discípulos e missionários de Cristo, Caminho, Verdade e Vida, para que todos os povos tenham vida nEle*”⁶. Por isso, ela é chamada

*a repensar profundamente e a relançar com fidelidade e audácia sua missão nas novas circunstâncias latino-americanas e mundiais... Trata-se de confirmar, renovar e revitalizar a novidade do Evangelho arraigada em nossa história*⁷.

As tarefas assignadas à Igreja pela Conferência de Aparecida não se restringem a aspectos meramente organizacionais, mas implicam basicamente a sua razão de ser, segundo o desígnio salvífico de Deus.

Na Exortação Apostólica, *Evangelii Gaudium*, o papa Francisco propõe uma Igreja “em saída”. A Igreja “em saída” é a comunidade dos “*discípulos missionários que ‘primeireiam’, que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam*”⁸. Uma Igreja em saída sabe tomar iniciativas, chegar às encruzilhadas, convidar os excluídos, esperar, suportar, cuidar do trigo e não perder a paz por causa do joio e celebrar cada pequena vitória, cada passo da evangelização. Estar em estado permanente de missão requer conversão

4 Harari, Yuval Noah. *Sapiens - Uma breve história da humanidade*, 36 ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2018, p. 385.

5 Brighenti, Agenor. *A Igreja Perplexa - A novas perguntas, novas respostas*, SOTER/Paulinas, São Paulo, 2004, p. 119 - 143.

6 V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe - Documento de Aparecida, n° 1.

7 *Idem* n° 11.

8 Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, n° 24.





pastoral e renovação eclesial, sempre partindo do coração do Evangelho. A Igreja em saída é chamada a ser uma Igreja de portas abertas, não somente para acolher de coração aberto quem deseja entrar, mas particularmente para sair ao encontro daqueles que estão no campo de batalha.

Os caminhos propostos pela Conferência de Aparecida e pelo Magistério do papa Francisco têm presente a mudança de época e a importância de a Igreja reconfigurar-se para cumprir sua missão a serviço do Reino de Deus. A necessidade de uma profunda renovação é fundamental para não perder o “perfume do Evangelho”. Será importante verificar quais são as implicações destes horizontes eclesiais para a vocação e missão do religioso Irmão.

Os Irmãos no Contexto da Vida Religiosa Consagrada

Considerando as duas últimas décadas de Vida Religiosa Consagrada no Brasil, podemos perceber que há uma significativa coincidência de horizontes e prioridades. Através de processos participativos, como as Assembleias, e o trabalho da Equipe Interdisciplinar, foram identificados diversos temas recorrentes. A título de exemplo, podemos mencionar a mística, as relações humanizadoras, o grito dos pobres e excluídos, as juventudes e novas gerações, a intercongregacionalidade, a leveza institucional e o núcleo identitário da Vida Religiosa Consagrada.

Vivemos em uma mudança de época, em uma Igreja que assume novas perspectivas a partir do pontificado do papa Francisco. Como Igreja e Vida Religiosa Consagrada, segundo Angel Dario Carrero⁹, não estamos mais vivendo a perspectiva unitária da pré-modernidade, nem a euforia utópico-libertadora da modernidade, mas o desencanto e a emergência da pós-modernidade (p. 14). O desafio é como ser profetas de sentido, não na euforia utópica moderna, mas em meio do sem sentido e do desencanto da pós-modernidade. Quais são os caminhos? Ernst Bloch afirma “*que é necessário escutar com sentido quase musical o movimento da realidade e perguntar em que direção tocar a melodia*”¹⁰. Como religiosos Irmãos, em sintonia com a Igreja e a VRC, precisamos aguçar os nossos sentidos para descobrir qual a melodia que o momento atual da sociedade e da Igreja requer de nós.

9 Carrero, Ángel Dario. *Tras la huella de la vida religiosa de América Latina y el Caribe – Memoria, Balance y Prospectiva*, apresentação feita durante o *Conventus Semestrales da União de Superiores Gerais* (2013), texto mimeografiado, p. 12.

10 Citado por Angel Dario Carrero, op. cit. pág. 20.





O Pe. Carlos Palácio, no Seminário Nacional da Vida Religiosa Consagrada, afirmou que

A VRA (Vida Religiosa Apostólica) hoje não apresenta uma figura definida. No rosto de muitos de nossos Irmãos e Irmãs está estampado o desencanto com a opção de vida que fizeram; outros transmitem a triste impressão de terem estacionado na vida (até aqui cheguei e basta!); alguns – não poucos! – enveredaram pelo caminho Pós-Moderno da autoafirmação, numa busca desenfreada de autorrealização a qualquer preço, que contradiz o fundamental ‘perder-se para ganhar-se’¹¹.

Como essa realidade afeta a nossa vida de religiosos Irmãos?

Na área da missão, segundo Carlos Palácio¹², há uma pergunta inquietante: podem as instituições ser mediações do Evangelho? Acredito que essa pergunta é particularmente importante para os Irmãos que atuam na área da educação, saúde ou outros projetos institucionais relevantes. Na área da educação estamos assistindo nas últimas décadas a consolidação de redes educacionais católicas, diversas delas animadas por Irmãos. Sabemos que uma educação de qualidade requer também uma gestão profissional, segundo critérios técnicos. Podemos encontrar, com relativa facilidade, religiosos Irmãos profundamente comprometidos na gestão destas redes, particularmente educacionais.

Vou restringir a minha análise à presença dos Irmãos nas redes educacionais porque não conheço em profundidade as demais áreas. Muitas vezes ouvimos dizer que as estruturas absorvem e dificultam os processos de humanização e de evangelização. Trata-se de um perigo real, mas que depende de uma série de fatores. Há processos de gestão que efetivamente favorecem o trabalho em equipe e a distribuição de responsabilidades. A possibilidade de momentos pessoais ou comunitários cresce na medida em que as responsabilidades são partilhadas. Por exemplo, encontrei o Reitor de uma grande e complexa Universidade, que, além de excelente gestor, dedicava tempo para acompanhar os estudantes e os professores. Além disso, ele pessoalmente acompanhava um grupo de vocacionados da Universidade. Era interessante ver o entusiasmo destes jovens com a perspectiva vocacional despertada pela presença de Irmãos e leigos/leigas comprometidos.

11 Palácio, Carlos. Começar de novo. Por uma reconstrução da especificidade da Vida Religiosa Apostólica, in *Convergência* 462 (2012), p. 463.

12 Palácio, Carlos. Luzes e sombras na VRC nos dias de hoje, in *Revista Convergência* 444 (2011), p. 425 -426.





Outro aspecto importante no exercício da missão é a preocupação, por vezes exagerada, com indicadores estratégicos e resultados. Não é tão raro encontrar instituições educativas onde os Irmãos são praticamente desconhecidos na comunidade acadêmica. Na prática eles estão absorvidos pela gestão da obra. Aqui é importante fazer duas considerações. 1. Quanto conseguimos realmente partilhar responsabilidades com os colaboradores leigos? É importante não esquecer que o “clericalismo” não é um privilégio dos sacerdotes. Com relativa facilidade podemos reproduzir na gestão das obras modelos extremamente clericais e verticais. 2. Quanto estamos efetivamente comprometidos com a finalidade ou a razão de ser obra, segundo o carisma? Como religiosos Irmãos somos de fato memória, garantia e coração dos nossos carismas. Quando não conseguimos ser uma presença diferenciada do carisma na missão, decaímos para funções meramente burocráticas e irrelevantes.

Uma vocação de fronteira e periferia

Ao considerar a vocação do Religioso Irmão como uma vocação de fronteira e periferia, dois textos dos primeiros séculos do cristianismo podem ser iluminadores. O primeiro é a Carta a Filemôn e o segundo é a Carta a Diogneto.

Como irmão amado em Jesus Cristo

A nossa missão de Irmãos é promover a fraternidade. Neste sentido é interessante observar o testemunho de Paulo ao escrever a Filemôn a respeito de Onésimo. Paulo está num dilema. Devolver ou não Onésimo e em que condições devolvê-lo. Está em jogo a eficácia do cristianismo. Realmente o Evangelho de Jesus Cristo é capaz de transformar pessoas e estruturas? Ou, não passa de um belo discurso que introduz novas variáveis, mas sem um efetivo impacto na conversão pessoal e transformação social?

Inicialmente é importante destacar alguns elementos do contexto da Carta de Paulo a Filemôn. Provavelmente Filemôn era ministro na Igreja de Colossos, uma cidade da Frigia. Ele tinha um escravo chamado Onésimo. Há indicações de que Onésimo fugiu da casa de Filemôn porque provavelmente havia roubado alguns bens. Ao chegar a Roma, onde Paulo estava preso, Onésimo teve a oportunidade de ouvir a sua pregação e converter-se. Por isso, trata-se de um filho gerado na prisão. Paulo está diante de um dilema. Ficar com Onésimo ou devolvê-lo ao seu proprietário. Os castigos para os escravos fugitivos eram terríveis, não excluindo a morte.





Paulo decide devolver o Onésimo a Filemôn com uma de carta recomendação. Sabe que Onésimo pode lhe ser útil na condição em que se encontra. Nas recomendações, Paulo deixa transparecer a força transformadora do cristianismo. Pede perdão a Filemôn por Onésimo e solicita uma acolhida qualitativamente diferente do habitual. Paulo o envia a Filemôn como se fosse o “seu próprio coração” (v. 12), e para que o receba “como irmão amado” em Cristo (v.16). E na condição de amigo, pede que Onésimo seja recebido como se fosse o próprio Paulo. Compromete a assumir os custos e termina dizendo: “dá este conforto a meu coração em Cristo” (v. 20).

É interessante observar como um texto tão curto e simples como este sintetiza e expressa com tanta profundidade o sentido de ser cristão. Como afirmamos anteriormente, está em jogo a eficácia e a relevância do cristianismo. Verdadeiramente toca em temas centrais do cristianismo: o amor, o perdão, a misericórdia, a reconciliação, a amizade e a acolhida, tanto na dimensão pessoal quanto nas relações sociais.

Superar estruturas historicamente estabelecidas requer iniciativas corajosas como a de Paulo. Quando parecia que estava diante de um beco sem saída, Paulo soube descortinar novos horizontes a partir dos valores evangélicos. Analisando as cartas paulinas podemos identificar uma série de iniciativas semelhantes à da Carta a Filemôn. Paulo vai introduzindo valores e princípios evangélicos que pouco a pouco vão desconstruindo as dinâmicas do homem velho para que a vida segundo o Espírito possa emergir.

Uma das dimensões da nossa missão de religiosos Irmãos é recordar, através do nosso testemunho e da nossa missão, os princípios e os valores fundamentais do Evangelho. Considerando a especificidade da nossa missão podemos destacar particularmente a fraternidade e a ruptura dos processos de exclusão, como era o caso da escravidão no tempo de Paulo.

Encontramos na sociedade atual inúmeros formas de exclusão e de criminalização. Acolher o diferente em termos de raça, religião, cultura e gênero continua sendo um imperativo ético fundamental. Há pessoas e grupos sociais inteiros que são descartados de forma sistemática. Novas barreiras sociais são erguidas, fortificadas e consolidadas. Como religiosos Irmãos temos a missão de ajudar a sociedade a acolher a diferença como um valor e não como uma ameaça. Além disso, ajudá-la a encontrar, além das diferenças e nelas, uma pessoa onde resplandece e brilha a dignidade humana.





Participar de tudo como cidadãos

Uma das joias da literatura primitiva cristã é a Carta a Diogneto¹³. Originalmente escrito em grego, revela como viviam as primeiras comunidades cristãs. O elegante manuscrito foi encontrado em 1436, em Constantinopla, com vários outros escritos, dirigidos a um certo Diogneto. Não se conhece o autor, mas o destinatário é um pagão culto que quer conhecer melhor o cristianismo, a nova religião que estava se espalhando pelo império romano. O que particularmente chama atenção do destinatário é a coragem com que os cristãos enfrentavam as perseguições e o seu amor a Deus e ao próximo, com uma atenção especial aos pobres.

Considerando a imensa riqueza teológica da Carta a Diogneto, vamos destacar alguns elementos e relacioná-los com a nossa missão de Irmãos. São elementos que podem iluminar e inspirar a nossa missão de religiosos Irmãos em uma Igreja “em saída”.

“Os cristãos não se distinguem dos outros homens nem por sua terra, nem por sua língua, nem por seus costumes. Eles não moram em cidades separadas, nem falam línguas estranhas, nem têm qualquer modo especial de viver.” Em determinados momentos vemos a Vida Religiosa Consagrada, e mesmo os religiosos Irmãos, preocupados com o que nos distingue, ou em palavras mais palatáveis, com a nossa identidade. A relevância do tema depende do enfoque da questão. Se a insistência recair em aspectos externos, a perspectiva é nefasta. O que vemos na Carta a Diogneto pode ser iluminador. *“Mesmo vivendo em cidades gregas e bárbaras, conforme a sorte de cada um, e adaptando-se aos costumes de cada lugar quanto à roupa, ao alimento e a todo o resto, eles testemunham um modo de vida admirável e, sem dúvida, paradoxal.”* O que de fato conta é o testemunho. Os cristãos estão profundamente inseridos no mundo, mas brilham pelo testemunho dos valores evangélicos. Como religiosos Irmãos, vivemos profundamente inseridos na sociedade e não temos nenhum cargo ou distinção na Igreja. É o que podemos observar na educação, saúde, áreas sociais, direitos humanos e outros âmbitos. O que o Evangelho nos pede é uma vida admirável e paradoxal que se caracterize pela proximidade, acolhida, testemunho e construção de alternativas verdadeiramente humanizadoras, em uma sociedade muitas vezes violenta e dividida, onde a exclusão constitui, infelizmente, uma característica onipresente.

13 A Diogneto, Borla, Città di Castello, 1987, 98 p.





A vida dos primeiros cristãos é vivida segundo o Espírito. *Encontram-se na carne, mas não vivem segundo a carne. Moram na terra e são regidos pelos céus. Obedecem às leis estabelecidas e superam as leis com as próprias vidas... São pobres, mas enriquecem muita gente; de tudo carecem, mas em tudo abundam.* Neste pequeno trecho há pelo menos três aspectos que podem ser destacados. Em primeiro lugar está o testemunho espiritual: são regidos pelos céus. Em segundo lugar, consideram sem devaneios ou infantilidades o ordenamento jurídico estabelecido. Contudo, vão muito além. Com a sua própria vida superam as leis, superando o instituído e o formal. Em terceiro lugar, a fragilidade e a pobreza não são desculpas para não atuar. Captam as reais necessidades da comunidade e se comprometem a partir do Evangelho do Reino em práticas efetivamente significativas e transformadoras.

O “primeirar” de uma Igreja “em saída” pode ser iluminado pela Carta a Diogneto. Tanto na Comunidade Religiosa quanto na missão é fundamental *“olhar nos olhos e escutar, ou renunciar às urgências para acompanhar quem ficou caído à beira do caminho. Às vezes, é como o pai do filho pródigo, que continua com as portas abertas para, quando este voltar, poder entrar sem dificuldade”*¹⁴.

O religioso Irmão em uma “Igreja em saída”

Os nossos Fundadores, com os primeiros Irmãos, em situações históricas complexas e difíceis, souberam configurar respostas evangélicas realmente significativas. Atentos aos sinais dos tempos, souberam escutá-los e discerni-los à luz da fé. Hoje esta responsabilidade está conosco. Sabemos que o mesmo Deus que inspirou os nossos primeiros Irmãos está conosco. O papa Francisco nos convoca a uma Igreja “em saída”. Como religiosos Irmãos somos chamados a “primeirar”. Contemplando o rosto dos pobres, dos jovens e as interpelações da mãe Terra, precisamos responder com fidelidade criativa aos desígnios salvíficos de Deus. Por isso, podemos indicar algumas pistas para caminhar nesta direção:

Evangelicamente muito vivos¹⁵ – Na parte inicial deste artigo descrevíamos brevemente o contexto cultural em que estamos inseridos e a situação da Vida Religiosa Consagrada. AVRC somente será significativa na medida em que interpelar, encantar, seduzir e se caracterizar

14 Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, n° 46.

15 Cfr. Guerrero, José Maria. *Ustedes tienen una gran historia que construir*, in. *Aportes de la Vida Religiosa a la Teología Latinoamericana y del Caribe. Hacia el futuro “Memorias Congreso CLAR 50 Años”*, Publicaciones CLAR, Bogotá, 2009, p. 367.





pelos valores do Evangelho. Isso somente será possível quando ela for evangelicamente muito viva. Caso contrário, não passará de uma das tantas ofertas disponíveis no mercado. É indispensável que os religiosos Irmãos sejam no contexto atual uma memória provocativa de Jesus e do projeto do Reino de Deus.

Desejosos de vida comunitária e cansados da vida em comum

– A comunidade precisa ser um bioma oxigenado, onde se vivem relações humanizadoras abertas, cheias de compreensão, tolerância, acolhida e perdão. Em uma sociedade intoxicada pela intolerância, exclusão e falta de solidariedade, necessitamos de comunidades onde se respira amizade, transparência, lealdade e franqueza. Não se trata repropor um moralismo vazio e gerador de culpa, mas de partir da dinâmica real e complexa de cada pessoa e das relações comunitárias para construir uma comunidade viável e significativa para os seus integrantes e para a missão.

Itinerários Formativos – Há alguns anos Dom José Rodríguez Carballo, atual Secretário da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, afirmava que

tinha a impressão de que a formação que estamos oferecendo e recebendo é pouco exigente, e como consequência bastante superficial. Nossos jovens não têm medo de exigências. Pelo contrário, perdemos muitos deles porque não somos exigentes. O que querem é um mínimo de coerência entre o que afirmamos, somos e exigimos. Nada mais. Na verdade, querem que sejamos companheiros de caminhada¹⁶.

Uma maior exigência nos processos formativos requer passar dos tradicionais Planos e Projetos de Formação de caráter linear para Itinerários Formativos mais flexíveis, dinâmicos e integradoras da vida, onde é fundamental considerar intencionalidades, condições, destinatários, trajetórias, processos, metodologias e conteúdos.

Partilha do Carisma - Um dos fenômenos presente praticamente em todas as Congregações Religiosas são os colaboradores leigos ou associados. É importante observar como promovemos a vocação laical em nossas instituições. Anteriormente já afirmamos que não estamos livres do “clericalismo”. A instrução da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, *Partir de Cristo*, afirma que “*uma das novidades dos últimos anos é a busca, por parte de*

¹⁶ Apresentação feita durante o Encontro Intercapitular dos Irmãos das Escolas Cristãs, Roma, 2011, texto mimeografado, p. 11.





*alguns leigos, de uma participação nos ideais carismáticos dos Institutos*¹⁷. Essa participação dos leigos nos ideais carismáticos não é resultante da escassez de religiosos, mas porque “*hoje se percebe sempre mais o fato de que os carismas dos fundadores e das fundadoras, tendo sido suscitados pelo Espírito para o bem de todos, devem ser recolocados no próprio centro da Igreja, abertos à comunhão e à participação de todos os membros do Povo de Deus*”¹⁸. Uma das tarefas importantes da nossa missão dos Irmãos é promover a vocação e a participação dos leigos na Igreja Povo de Deus, particularmente em nossas instituições.

Recuperar o núcleo original e único da vocação do religioso Irmão

Uma das questões fundamentais para a VRC hoje é recuperar, segundo Carlos Palácio, a sua síntese original e característica. Uma síntese existencial que integre experiência de Deus, vida comunitária e missão. Na medida em que não se recupera esta síntese original e única, a VRC continuará com a sua anemia evangélica. O que passa com a VRC, *mutatis mutandis*, também sucede na vida dos religiosos Irmãos. Recuperar este dinamismo único e original requer uma atenção especial ao Espírito que conduz todas as coisas com suavidade e sabedoria para fazer da experiência Deus uma experiência fundante.

Inventar, inovar e avançar despojados

Hoje, mais do que ontem, precisamos inventar, inovar e avançar despojados (Gabriel Ringlet). Os processos de mudança de época requerem novos horizontes de compreensão e itinerários flexíveis e integradores. Uma Igreja “em saída” requer que avancemos despojados, com as portas abertas para que outros possam entrar e nós possamos sair. Precisamos continuar o esforço para que a nossa vocação e missão de religiosos Irmãos mantenha o seu encanto e continue sendo evangelicamente significativa.

17 Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, *Instrução Partir de Cristo*, nº 31.

18 Idem.





Questões para ajudar a leitura individual ou o diálogo comunitário

- Qual a relevância da missão do religioso Irmão na Igreja “em saída” e em uma sociedade em “mudança de época”?
- Que estratégias são fundamentais para que o religioso Irmão integre as dimensões constitutivas da sua vocação?
- Quais são as implicações para a síntese original e única da vocação do religioso Irmão, considerando a proposta do papa Francisco de uma Igreja “em saída”?